

Universidade do Minho

MINHO
TRAÇOS DE IDENTIDADE

Albertino Gonçalves
Ana Bettencourt
António Cardoso
Aurélio de Oliveira
Francisco Sande Lemos
Joaquim Costa
José Marques
José Meireles
Lúcio Craveiro da Silva (†)
Luís Fontes
Miguel Bandeira
Manuel Carlos Silva
Manuela Martins
Paula Cristina Remoaldo
Paulo Pereira

Braga
2009

TÍTULO
Minho. Traços de Identidade

EDITOR
Universidade do Minho

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Paulo Pereira

COLABORAÇÃO EDITORIAL
António Amaro das Neves

TEXTOS
Albertino Gonçalves
Ana Bettencourt
António Cardoso
António Guimarães Rodrigues
Aurélio de Oliveira
Francisco Sande Lemos
Joaquim Costa
José Marques
José Meireles
Lúcio Craveiro da Silva (†)
Luís Fontes
Miguel Bandeira
Manuel Carlos Silva
Manuela Martins
Paula Cristina Remoaldo
Paulo Pereira

DESIGN
Luís Ricardo

FOTOGRAFIA
Eduardo Brito

AGRADECIMENTOS
Aida Mata; Ana Leite da Cunha; Ana Paula Brites Martins; Archeoestudos; Arquivo Distrital de Braga, Braga; Cabido da Sé de Braga; Câmara Municipal de Amares; Câmara Municipal de Braga; Câmara Municipal de Vila Nova de Cerveira; Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão; Câmara Municipal de Vila Verde; Câmara Municipal de Esposende; Câmara Municipal de Melgaço; Câmara Municipal de Viana do Castelo; Carlos Brochado de Almeida; Comissão de Festas de S. Bartolomeu do Mar; Comissão de Festas de Vila Praia de Âncora; Divisão de Fotografia do IMC; Filipa Vale; Flores da Casa Grande, Romarigães; Francisco Brito; Gonçalo Cruz; IGESPAR; Instituto dos Museus e da Conservação; Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, José Pessoa; Luís Raposo; Manuel Bairrão Oleiro; Manuel F. Chaves; Manuel Roriz Mendes; Maria Amália Teles; Maria José Cunha; Maria Sameiro Ferreira; Mosteiro de Tibães; Museu do Tesouro da Sé, Braga; Museu de Alberto Sampaio, Guimarães; Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães; Museu de D. Diogo de Sousa, Braga; Museu de História Natural, Universidade do Porto; Museu de Rocha Peixoto, Póvoa do Varzim; Museu Nacional de Arqueologia; Museu Nacional de Machado de Castro, Coimbra; Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto; Nuno Pedreira; Padre Domingos, Rio Mau; Padre Sérgio Torres, S. Vítor, Braga; Paula Abranches, Paula Benito; Patrícia Aguiar; Raquel Ralha, Sociedade Martins Sarmento, Guimarães; Somelos Tecidos S.A.; Tiago Saleiro; Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho; Velamar, Escola Náutica, Póvoa de Varzim.

ISBN
978-972-8533-21-2

DEPÓSITO LEGAL
288983/09

© Universidade do Minho, 2009

A PRÉ-HISTÓRIA DO MINHO
Do Neolítico à Idade do Bronze

Ana M. S. Bettencourt

1. INTRODUÇÃO

A Pré-História Recente do Minho desenvolve-se, grosso modo, entre o VI e os inícios do I milénios a.C., subdividindo-se, convencionalmente, em Neolítico, Calcolítico e Idade do Bronze.

Os dados arqueológicos conhecidos para cada um destes períodos cronológico-culturais são desiguais, sendo mais escassos para os momentos mais antigos do Neolítico e para o Calcolítico, por falta de projectos de investigação directamente direccionados para estas fases. A partir da Idade do Bronze, e porque esta tem sido uma área tradicionalmente estudada pelos investigadores da Universidade do Minho[2], os dados são em maior número, assim como as publicações científicas. Este texto foi, pois, construído com base num acervo informativo desigual pelo que a síntese aqui efectuada terá que ser encarada como provisória e aberta a novas interpretações e problemáticas. No entanto e apesar das dificuldades as interpretações realizadas, permitiram-nos, em linhas gerais, percepcionar que as comunidades do Minho, desde o Neolítico até à Idade do Bronze, possuíram um conhecimento profundo do território que ocuparam e com o qual interagiram, contribuindo, assim, para a construção de uma paisagem, que, paulatinamente, e de forma assimétrica, ao longo de milhares de anos e de diferentes processos históricos, se foi consolidando.

A apresentação deste texto em três grandes períodos cronológico-culturais, discutível em termos das novas abordagens que priviligiam um discurso temático e transversal, foi uma opção que se relaciona com o carácter divulgativo da obra em que se insere.

2. O NEOLÍTICO (VI E IV MILÉNIOS A.C.)

O Neolítico corresponde, convencionalmente, a um período compreendido entre os finais do VI e os finais do IV milénios a.C. em que se verificam importantes mudanças em relação ao período precedente, ou seja, ao Mesolítico. Estas alterações resultam de novas formas de interacção das comunidades com o meio envolvente e de novas conceptualizações do universo em que as sociedades parecem perder relação de paridade com o meio para desenvolverem um determinado "afastamento mental" em relação ao mesmo, assim como o aumento do sentido de pertença a um determinado lugar. Concomitantemente, dá-se a adopção da agricultura, primeiro da horticultura, durante o Neolítico Inicial e a adopção de alguns caprinos domesticados o que não parece afectar, grandemente, o modo de vida tradicional destas comunidades de fundo Mesolítico, ainda com grande tendência para a mobilidade. Ao longo do Neolítico Médio/

Final vão desenvolver-se formas embrionárias da agricultura cerealífera e o aumento de novas espécies domesticadas sendo a caça e a recolecção actividades significativas ao longo de todo este período. Surgem, naturalmente, durante o Neolítico, novas formas de organização social.

2.1. Lugares residenciais e actividades de subsistência

No Minho, as estações habitacionais relacionáveis com o Neolítico são muito escassas, sendo possível, no entanto, admitir que as comunidades tanto ocuparam zonas ao ar livre, como aproveitaram abrigos graníticos, por vezes, nas imediações de monumentos megalíticos. Destacamos, nestes casos, a jazida da Bolada, no planalto da Lameira, em Celorico de Basto, onde fossas abertas no saibro se associam a ecofactos e a restos muito frustres de artefactos, datados da segunda metade do V milénio a.C., e o abrigo granítico do Vale Cerdeira 1, na serra da Cabreira, em Vieira do Minho, com cerâmicas similares às encontradas em alguns monumentos megalíticos da região.

No Douro Litoral registamos estratégias similares às do Minho. Quer na necrópole megalítica da serra da Aboboreira, em Baião, Amarante e Marco de Canavezes, quer na do Leandro, na Maia, são recorrentes vestígios de ocupação sob ou nas imediações de diversos túmulos megalíticos, como em Chã de Santinhos e Mina do Simão, a indiciar, talvez, a inexistência da dicotomia entre o território dos mortos e dos vivos. Na serra da Aboboreira, conhecem-se, igualmente, em vertentes abrigadas, os povoados da Lavra I e das Furnas.

De uma forma geral, estes locais correspondem a ocupações frustres, evidenciando construções realizadas com materiais perecíveis, das quais se destacam algumas fossas, buracos de poste e lareiras.

Esta fraca expressividade habitacional, durante este período, deverá relacionar-se com a ausência de verdadeiras aldeias sedentárias e com um modo de vida pautado por uma certa mobilidade humana no quadro de comunidades de fraca expressão demográfica que, conhecendo a agricultura e a criação de gado, seriam ainda portadoras de economias muito dependentes da caça, da pesca e da colheita de animais selvagens e de plantas silvestres. A agricultura, realizada com a ajuda de um pau ou de uma "enxada", seria praticada em pequenas clareiras da floresta, talvez conquistadas através de queimadas. No entanto, tal actividade não parece afectar o bosque tradicional, que rapidamente recupera após o abandono da actividade agrícola, sem grandes alterações do meio envolvente. Só paulatinamente, e de forma assimétrica, se parece ir alterando esta situação, a partir dos finais do IV e durante o III milénio a.C., ou seja, em fases mais avançadas da Pré-História.

2.2. A primeira arquitectura monumental

Se os vestígios de jazidas habitacionais são pouco evidentes para o Neolítico, a partir da segunda metade do V milénio a.C., e durante boa parte do IV milénio a.C., as comunidades construíram a primeira arquitectura monumental, de carácter cerimonial, em pedra e em terra. Dito de outro modo, criaram os primeiros cenários artificiais que transformaram e marcaram física e simbolicamente o território. Referimo-nos a monumentos sob *tumuli* (montículos artificiais, em terra ou em pedra e terra, vulgarmente denominados mamoas), providos de câmaras mais ou menos megalíticas (fechadas ou abertas, com ou sem corredor), de âmbito sepulcral e religioso, designadas por antas ou dólmenes.

Pela distribuição geográfica da arquitectura tumular, as comunidades que os construíram ocuparam tanto terras de vale, como a plataforma litoral e os planaltos de montanha, numa grande diversidade de soluções arquitectónicas e, possivelmente, de ritos funerários, infelizmente impossíveis de detectar, dadas as violações constantes a que estes monumentos estiveram sujeitos durante séculos e à acidez dos solos da região, o que impede a conservação dos restos osteológicos.

Os dólmenes, ou antas, encontram-se, frequentemente, agrupados em espaços relativamente restritos, formando grandes necrópoles, o que indicia a sacralização desses locais, através da construção de uma memória colectiva, durante mais de mil anos. Quer dizer, estes lugares construídos não parecem obedecer a um plano arquitectónico inicial, mas resultar de processos de adição, num território mítico e especial, em que os monumentos se vão construindo, utilizando e encerrando na medida em que são física e simbolicamente necessários.

Como exemplos de grandes necrópoles, ainda relativamente preservadas, no Minho, referimos a da Chã do Mezio, nos Arcos de Valdevez e a da Chã do Marco da Quebrada, em Valença, que integram mais do que uma dezena de monumentos; a do planalto de Vila Chã, em Esposende, com cerca de 20 mamoas inventariadas; a do Monte do Borrelho, em Vila Verde e a de Britelo, em Ponte da Barca, ambas com mais de 35 monumentos cartografados; a do planalto da Lameira, nos concelhos de Fafe e de Celorico de Basto, com cerca de 40 monumentos megalíticos, e a do planalto de Castro Laboreiro, em Melgaço, com cerca de 80 megálitos registados.



Monumentos megalíticos no planalto de Castro Laboreiro (fotografia da autora).

Apesar do elevado número de monumentos inventariados, apenas no planalto de Vila Chã e na orla litoral de Viana do Castelo e de Caminha se efectuaram escavações sistemáticas nalguns dólmenes, apenas publicados parcialmente, tendo-se realizado outras intervenções esporádicas no Monte do Borrelho, no planalto de Castro Laboreiro e na Chã do Mezio.

Tendo em conta a escassez de datas "absolutas" provenientes destes contextos funerários, torna-se difícil estabelecer um quadro evolutivo coerente sobre as suas origens, tempos de utilização e abandono. Apenas é possível reconhecer que estes já se construíam, nos finais do V milénio a.C., como se poderá constatar pelas datas do Alto da Portela do Pau 3, no planalto de Castro Laboreiro, monumento apenas com uma câmara definida por um simples anel lítico; que já estavam em utilização grandes dólmenes com câmaras abertas e com esteios gravados,

durante a primeira metade do IV milénio a.C., como é o caso do Alto da Portela do Pau 2, também em Castro Laboreiro e que, durante os meados ou a segunda metade do IV milénio a.C., ainda se construíram pequenos monumentos megalíticos, pouco perceptíveis na paisagem, como nos parece indicar a mamoa do Chão da Cheira 10, no planalto do Borrelho, onde se detectaram oferendas fúnebres modestas, compostas por uma enxó de pequenas dimensões, micrólitos, cristais de quartzo e fragmentos de vários recipientes cerâmicos.

Se os túmulos com câmaras simples e fechadas se poderão associar a um tempo curto de utilização, talvez relacionados com enterramentos individuais, os dólmenes abertos, com vestíbulo ou com corredor de acesso ao mundo exterior, não raro providos de átrios em frente à entrada, constituiriam verdadeiros monumentos de enterramento colectivo, que ocorreriam de forma sucessiva, acompanhados de oferendas, mais ou menos padronizadas. É presumível que o(s) primeiro(s) inumado(s) assumisse(m) o papel de antepassados, o que transformaria estes túmulos em verdadeiros templos, epicentros de lugares, à volta dos quais, se realizariam diversas acções, na longa duração, cuja materialização seria hoje pouco perceptível. Tal parece ser o caso do túmulo do Alto da Maronda, em Vila Verde, com indícios de ocupação, na área envolvente, desde o Calcolítico até à Idade do Bronze. É provável que a entrada nestes grandes túmulos, frequentemente gravados e pintados, só fosse acessível a personagens a quem a sociedade conferia o poder de manipular os corpos dos antepassados e dos novos inumados, de oficializar as acções inerentes aos funerais e de decifrar os símbolos ali pintados e/ou gravados. Provavelmente, só nos átrios, em frente às entradas ou aos corredores, ou mesmo em áreas mais afastadas, seria possível que grupos populacionais mais abrangentes praticassem ritos dedicados aos antepassados ali sepultados. Assim sendo, estaríamos perante comunidades já com visíveis desigualdades sociais entre os seus membros, pelo que se torna plausível a hipótese de que grande número de indivíduos tivesse participado na construção destes monumentos e nos ritos em seu redor, embora apenas alguns aí tivessem sido tumulados.

O culto aos antepassados também se pode inferir pela construção dos dólmenes de corredor, na proximidade de túmulos mais remotos, e pela inclusão de sepulcros antigos sob a couraça lítica dos mais recentes, como ocorre no caso da mamoa da Arribada/Cruzinha, em Esposende.

Parece ser apenas no âmbito destes monumentos-templos de arquitectura complexa, presumivelmente em vigência durante grande parte do IV milénio a.C., que ocorrem nos esteios das câmaras e dos corredores, manifestações de pintura (a negro, a vermelho e a branco) e/ou de gravura, em que linhas onduladas, linhas quebradas, soliformes, zoomorfos e antropomorfos, entre outros motivos, se organizam em composições de grande complexidade, acentuando o carácter cenográfico e esotérico destes espaços cerimoniais. No Minho, conhecem-se cerca de 10 túmulos decorados, sobretudo distribuídos na fachada litoral, número que talvez se relacione apenas, com as áreas mais intensamente investigadas.

É neste contexto que deverá enquadrar-se o dólmen de corredor de Lamas, em Braga, coberto com um *tumulus* de terra, de médias dimensões, e com motivos esquemáticos pintados a branco, nos esteios da câmara. Como oferendas ali depositadas, no âmbito de diversos ritos funerários e religiosos, contam-se pontas de seta, em sílex e xisto, lâminas de sílex, micrólitos, machados de pedra polida e goivas, sem evidências de uso, além de vasos cerâmicos. O mesmo se pode admitir para os dólmenes de corredor da Bouça do Rapido 3, da "Antela" da Portelagem e de Cimo de Vila, em Esposende, todos com gravuras no espaço sagrado da câmara. A Bouça do Rapido 3 é um túmulo de câmara e corredor diferenciado onde, a par de pontas de seta, como oferendas, se registou, em posição de destaque, no esteio de cabeceira, um motivo quadrangular com a parte interior polida, vulgarmente chamado de "a coisa" ou de "pele esticada", motivo



Oferendas fúnebres do dólmen de Lamas (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

central a partir do qual se parece ter organizado todo o espaço compositivo e "iniciado" uma "estória" mítica.

No distrito de Viana do Castelo, destacamos a mamoa de Pretos/Eireira – Afife. Trata-se de um dólmen de câmara e corredor indiferenciado, ou seja, onde a passagem da câmara para o corredor é progressiva, ainda com 16 esteios *in situ* e mais de 2m de altura. No interior da câmara e do corredor, foram decorados seis esteios representando motivos esquemáticos, um soliforme e um antropomorfo que domina toda a superfície interna de um dos esteios, transformando-o numa espécie de estela, quiçá, a representação de uma figura tutelar do espaço sagrado. Aqui, depositaram-se pontas de seta, machados de pedra polida, lâminas de sílex, cristais de quartzo e vasos cerâmicos.



Dólmen da Bouça do Rapido, Esposende (fotografia da autora).

Outro exemplo de túmulo provido de câmara e corredor indiferenciado é o dólmen da Pedreira ou mamoa 1 de S. Romão do Neiva, em Viana do Castelo, também com representações solares na laje de cabeceira e um zoomorfo esquemático num dos esteio do corredor.

Se bem que as decorações destes monumentos se devam entender como um todo onde são intervenientes os motivos, as cores, a sua disposição nas câmaras e corredores, as formas e as características litológicas dos suportes, etc., não podemos deixar de referir a presença de soliformes nestes dois monumentos, presumíveis manifestações de uma cosmogonia que associaria os ciclos solares ao mundo dos mortos, o que também se depreende das orientações dos corredores, nolmalmente virados para nascente.

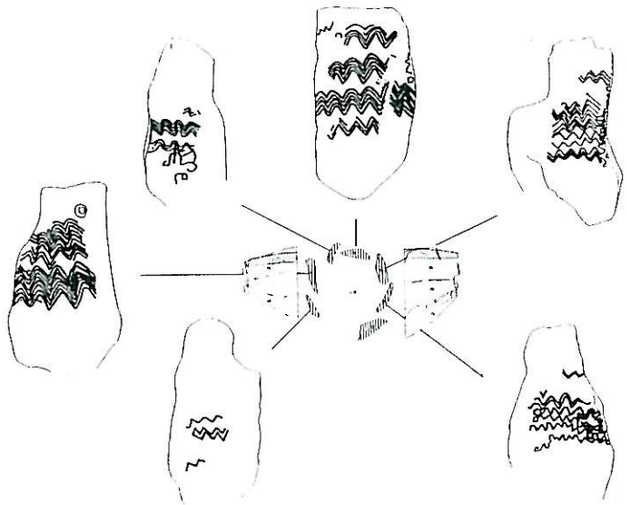


Dólmen da Barrosa, Vila Praia de Âncora (fotografia da autora).

O dólmen de câmara e corredor indiferenciado da Barrosa – Vila Praia de Âncora, em Caminha, de grandes dimensões, apresenta, igualmente, esteios e lajes gravadas. Apesar das inúmeras violações a que foi sujeito, ainda se exumaram, durante as escavações aí realizadas, pontas de seta, uma lâmina, machados de pedra polida, uma conta de colar e fragmentos de recipientes cerâmicos.

Outro túmulo com esteios gravados é a Mamoa de Lordelo de Cima/Chafé, em Viana do Castelo. Aí foram detectados um machado de pedra polida, mais de setenta pontas de seta, algumas lâminas em sílex e um recipiente cerâmico, entre outros fragmentos de olaria. Há a destacar, igualmente, o dólmen de corredor curto do Batateiro – Gave, em Melgaço, também com gravuras nos esteios da câmara e onde se exumaram centenas de contas de colar, em xisto.

Em áreas mais interiores e montanhosas, destacamos o dólmen de câmara aberta do Alto da Portela do Pau 2, em Melgaço, com um *tumulus* de cerca de 22m de diâmetro por cerca de 2,5m de altura máxima. Aqui, seis dos sete esteios da câmara foram decorados com motivos essencialmente abstractos, formando um todo compositivo. Apesar da monumentalidade deste



Planta do Alto da Portela do Pau 2, planalto de Castro de Laboreiro e decoração dos esteios (BAPTISTA 1997).

imóvel o espólio encontrado mostrou-se reduzido, fenómeno que se deverá relacionar, quer com as violações aqui ocorridas, quer com as características culturais dos construtores destes monumentos, em áreas mais interiores. Registou-se uma placa em micaxisto, uma ponta de seta em xisto, uma lâmina e uma lasca retocada em quartzo leitoso, um cristal de quartzo e vários fragmentos de recipientes cerâmicos.

Significativo é o monumento da Lapa da Moura/Chão de Cabanos 1, em Ponte da Barca, correspondendo a um dos maiores dólmenes da necrópole do Britelo. Apresenta uma câmara funerária aberta, onde coexistem esteios com motivos gravados e pintados.

Há que referir, no entanto, a existência de outros monumentos de grande envergadura e onde as manifestações artísticas parecem não ter existido. Como exemplo, citamos a mamoa 6 do Mezio, nos Arcos de Valdevez, provida de uma grande câmara poligonal e vestíbulo, onde se exumaram várias pontas de seta, em sílex, xisto e quartzo, lâminas em sílex, uma "ponta de lança" em sílex, um micrólito geométrico e fragmentos de recipientes cerâmicos.

Dentro desta arquitectura monumental cabem, igualmente, os menires, ou seja, pedras colocadas na vertical de diferentes dimensões e volumes que distinguem lugares naturais previamente significativos, mas aos quais foram adjudicados novos sentidos. São, presumivelmente, locais de reunião, talvez relacionados com cultos de fertilidade, dado o carácter grosseiramente fálico de alguns, e/ou com ritos de carácter astronómico, provavelmente associadas a uma cosmologia solar ou lunar, tendo em conta a localização de outros. Apesar de não serem muito numerosos no Norte de Portugal, conhecem-se, no Minho, cerca de uma dezena de menires, quase todos situados nas proximidades de monumentos megalíticos sepulcrais, como é o caso do Marco da Anta, em Ponte da Barca, do Penedo da Portela, em Vila Verde, do Marco da Zarelha e da Pedra do Coelho, em Barcelos e do menir de S. Paio de Antas, em Esposende. Este último, assim como o da Aldeia, em Viana do Castelo, foram erguidos no cume de pequenas colinas de vale, com visibilidade de 360° para a área envolvente e com excelente localização solar, podendo ter funcionado como colinas-observatório ou como epicentros de recintos cerimoniais mais complexos. Em abono desta hipótese há a registar o aparecimento de cerâmicas pré-históricas e de um percurtor, em quartzo, nas imediações do menir de S. Paio de Antas, artefactos provavelmente relacionados com acções e ritos aí efectuados.

Do "contexto megalítico" parece ser oriunda a estátua-menir da Boulhosa, em Paredes de Coura. Trata-se de uma laje insculturada, em granito, com cabeça sensivelmente cónica, representação dos olhos, braços esboçados e vários colares, tendo de altura máxima cerca de 1,12m por 0,54m de largura máxima. Talvez do mesmo tipo de contexto seja o esteio ou estela



Menir de São Paio de Antas, Esposende.

do Casal, Paredes de Coura, com 1,74m de altura por 0,79m de largura máxima. Esta peça encontra-se gravada apenas na superfície superior, com 15 rectângulos inscritos uns nos outros, por cima dos quais ocorre uma banda com algumas incisões e covinhas, fazendo lembrar uma representação estilizada de um rosto humano. De contexto funerário é a pequena estela de Lameirão, Rego, em Fafe, com representação dos olhos e cabeça, e com os braços esboçados, detectada na couraça pétrea de um túmulo, muito pouco perceptível, do planalto da Lameira, como pudemos apurar pessoalmente, e não junto a uma mamoa, como refere o seu descobridor. Da couraça da Mamoa do Alto da Portela do Pau 2, em Melgaço, é proveniente uma outra estela ou "estatueta" de aspecto antropomófico.

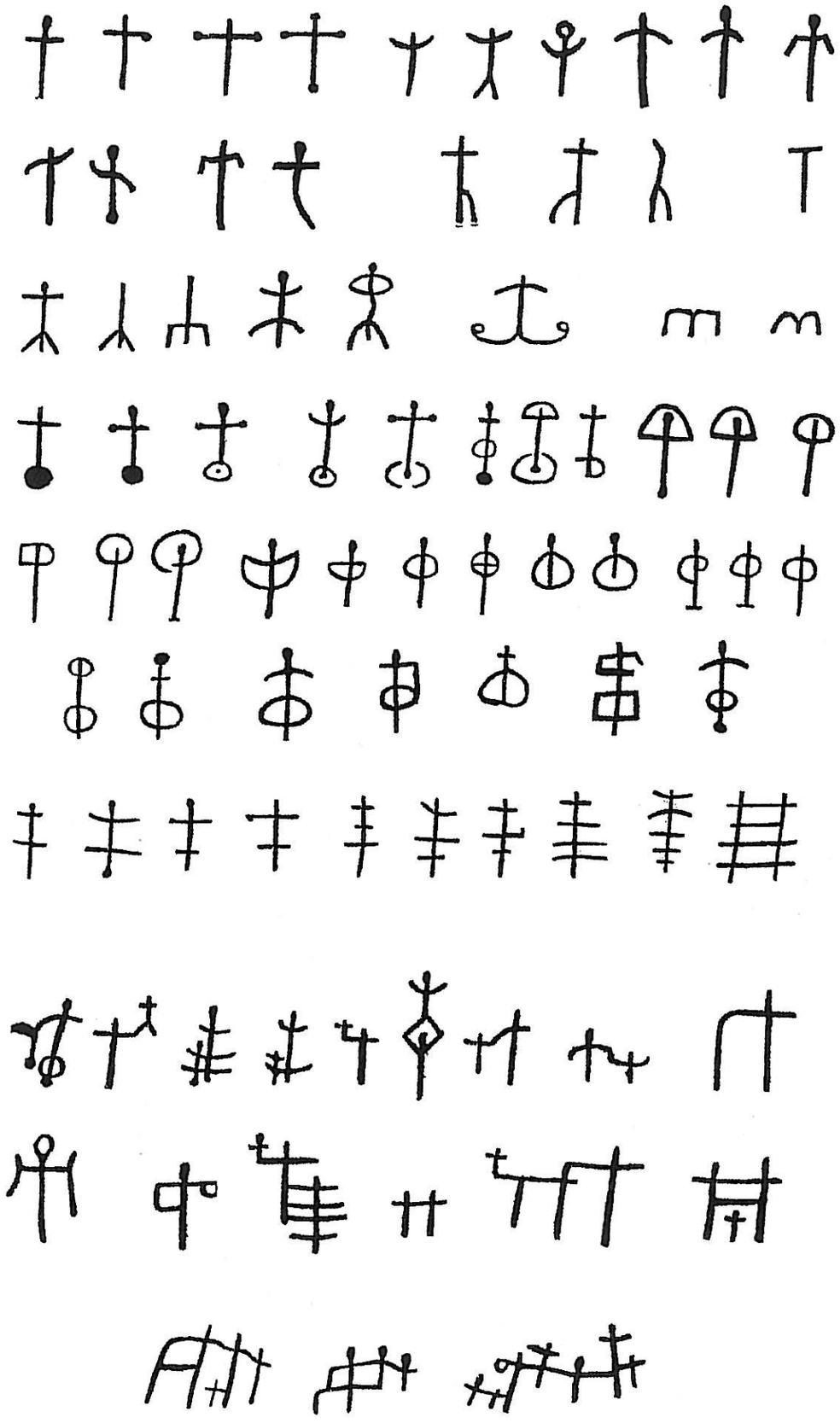
Corresponderão estas manifestações a representações dos antepassados, a divindades tutelares ou terão qualquer outro significado de foro mágico-religioso ligado ao mundo dos mortos? Esta é uma das muitas questões para a qual ainda não há resposta.

2.3. Lugares gravados

É provável que tenha sido no âmbito destas comunidades que determinados afloramentos ao ar livre, em sítios previamente significativos, tivessem sido gravados pela primeira vez, no âmbito de ritos e acções de grande importância social. Referimo-nos ao que se convencionou designar por "arte esquemática ibérica", que, sendo de difícil datação, recentemente tem vindo a ser datada a partir do Neolítico, embora se admita a sua persistência pelo Calcolítico e pela Idade do Bronze, sem que se excluam reutilizações posteriores. Estes lugares são normalmente e naturalmente sítios fechados e intimistas propiciadores de cerimónias públicas que cremos de carácter "sócio-religioso".

Como exemplo, referimos a vertente sul do Monte de Góios, em Caminha, sobranceiro ao rio Coura, com cerca de quatro dezenas de rochas gravadas e o "santuário" do Gião I, nos Arcos de Valdevez, visitável, e situado nas cercanias do núcleo megalítico da Chã do Mezio. É o maior complexo de "arte esquemática" do Noroeste português, com mais de uma centena de rochas gravadas, aparentemente relacionado com a nascente da ribeira do Gião, num amplo anfiteatro natural da serra do Soajo. A rodear este anfiteatro existe uma cerca, composta por lajes graníticas, algumas das quais foram profusamente gravadas. Os motivos predominantes são antropomorfos muito esquemáticos. Ocorrem, igualmente, cruciformes e símbolos geométricos, como quadrados ou rectângulos reticulados, alguns com cantos arredondados e covinhas.

Perto do Gião I, existe um outro lugar que tem sido interpretado como um santuário associado ao culto solar. Corresponde a um grande afloramento granítico, aplanado, localizado no topo de um cabeço dotado de uma grande visibilidade para as serras circundantes. Trata-se do Gião II, onde foram gravados motivos geométricos (quadrados e rectângulos, alguns de cantos arredondados e frequentemente subdivididos) e esquemáticos, entre os quais esteliformes.



Motivos de "arte esquemática" do Gião (Fontes 1932)

3. O CALCOLÍTICO (FINAIS DO IV AO TERCEIRO QUARTEL DO III MILÉNIOS A.C.)

A partir dos finais do IV e até ao terceiro quartel do III milénios a.C., datas para o que se institucionalizou designar por Calcolítico, verificam-se alterações significativas na interacção das comunidades com o meio, motivo pelo qual, parece operacional manter esta fase cronológico-cultural. De uma forma muito geral trata-se de um período em que a "arquitectura dos mortos" perde importância como elemento referenciador das populações no espaço para ser substituída por outros cenários de grande importância colectiva e social bastante diversificados. São, por vezes, lugares naturais que as comunidades experienciam e vivenciam através da deposição de artefactos ou da gravação de símbolos, ou lugares criados artificialmente através de construções monumentais e da adjudicação de novos sentidos.

3.1. Lugares residenciais e actividades de subsistência

Durante o Calcolítico tornam-se mais frequentes os sítios residenciais, quer em áreas abertas, quer no interior ou nas imediações de abrigos sob rocha, normalmente em lugares mais próximos de vales com potencial agrícola, características que parecem indiciar, uma maior densidade ocupacional do território, um modo de vida mais sedentário e um aumento das actividades agro-pastoris.

Os lugares residenciais pouco destacados na paisagem e que se "confundem" com o mundo natural, manifestam-se, por exemplo, em S. Julião, Vila Verde, na Santinha, Amares, em Santa Marta da Falperra, Braga, no Castelo de Faria, Barcelos, no Castro de Lanhoso, Póvoa de Lanhoso e, provavelmente, em Santo Estevão da Facha e Santo Ovídio, Ponte de Lima, locais onde aparecem cerâmicas profusamente decoradas com incisões, numa organização decorativa metopada que vulgarmente se designa por tipo Penha.



Recipiente cerâmico com motivos incisos metopados de tipo Penha (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

Esta modalidade de ocupação do espaço contrasta com a verificada em Bitarados, Esposende, num alvéolo granítico do planalto de Vila Chã, sem afloramentos ou abrigos nas imediações; com a que ocorre no Monte da Insúa, Guimarães, localizada na plataforma superior de uma colina, nas imediações do rio Ave; com a existente nos Covelinhos, numa plataforma da vertente média/baixa do monte da Franqueira, Braga ou com a documentada na Quinta de S. Martinho/Gandra, em Esposende, na plataforma litoral.

Esta diversidade de padrões de ocupação talvez se relacione com distintos modos de vida ou com um povoamento complementar, no seio do mesmo território e no âmbito de comunidades que partilhassem os mais diversos espaços, em diferentes épocas do ano.

No caso de Bitarados[3], com ocupação ao longo da 1ª metade do III milénio a.C., encontraram-se restos de pavimentos em argila e buracos de poste, pertencentes a cabanas efectuadas com madeira de carvalho e ramos de arbustos, provavelmente giestas, como nos sugerem os resultados das análises de antracologia. Detectaram-se, igualmente, lareiras e fossas. A par destas estruturas, foram muitos e diversificados os artefactos encontrados. A título de exemplo, referimos pontas de seta, em sílex e xisto, lâminas e lascas retocadas em



Contas de colar de Bitarados, Esposende (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

sílex e quartzo, contas de colar em barro e variscite moinhos manuais e cerâmicas profusamente decoradas. Registaram-se, também, sementes de cereais, de leguminosas e de frutos, bem como ossadas de animais domésticos – as quais, analisadas em associação, autorizam a classificação deste local como um possível povoado, de média/longa duração, ocupado por populações com vocação agrícola e pastoril, embora recorrendo à recolecção e à caça. Nas imediações, teriam cultivado o trigo de grão nu, a cevada e a fava. A presença de ervas daninhas associadas às culturas de Inverno e de Verão parece apoiar a hipótese de que as actividades agrícolas se realizariam durante todo o ano. A recolecção teria incidido sobre frutos como as bolotas e as amoras, embora a presença da aveleira, do medronheiro e, possivelmente, do castanheiro, nas imediações de Bitarados, demonstre a possibilidade da recolha de uma gama variada de frutos. Legumes, como o saramago/rabanete selvagem (*Raphanus raphanistrum*), cujas raízes, caules, folhas, flores e sementes são comestíveis, também foram colhidos.

Os restos de fauna exumados indiciam a pastorícia de ovicaprinos e, talvez, de bovinos. Nos bosques, em que os carvalhos seriam dominantes, teria vivido o veado, que foi consumido, tal como os ovicaprinos.

Também nos Covelinhos, os vários níveis estratigráficos parecem demonstrar uma ocupação continuada, na 1ª metade do III milénio a.C., por parte de populações que se teriam dedicado, quer à agricultura, tendo presente a localização da jazida e a dimensão dos moinhos dormentes aí encontrados, quer à recolecção de frutos como o da roseira-brava e as bolotas.

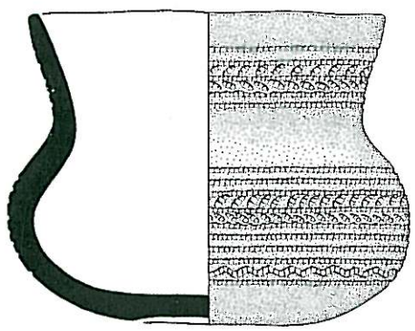
3.2. Arquitecturas e práticas funerárias

Em relação ao mundo sepulcral, parecem ter cessado as grandes construções megalíticas, embora alguns autores, considerem a possibilidade das comunidades terem adoptado a construção de pequenos túmulos de tradição anterior e nos mesmos espaços, com câmaras funerárias pequenas e baixas ou em fossa, sob *tumuli* pouco expressivos, a par da reutilização de grandes monumentos megalíticos de câmaras abertas ou de corredor.

Ao primeiro grupo arquitectónico, talvez possamos associar o presumível túmulo de Guidoiro-Areoso, na Illa de Arousa[4], com cerâmicas de tipo Penha, e com uma data dos meados do III milénio a.C., assim como a estrutura em fossa possivelmente tapada com uma grande laje granítica, do Lugar do Vargo, em Fafe, contendo um recipiente em forma de campânula, muito decorado, de larga expressão europeia e de grande valor simbólico, a que se dá o nome de vaso campaniforme. Quanto às reutilizações estas percepcionam-se, quer pelo depósito de recipientes de tipo Penha nas mamoas de Lordelo de Cima/Chafé, em Viana do Castelo e na de Cotogrande 5, em Vigo, na vizinha Galiza, quer pelo depósito de vasos campaniformes.

Como exemplos de monumentos megalíticos funerários onde tal aconteceu referimos os da Antela da Portelagem e da Bouça do Rapido 3, em Esposende, este último também com a deposição de uma alabarda em sílex, aparentemente desta cronologia, o do Alto da Portela do Pau 2, em Castro Laboreiro, Melgaço, o de Pretos/Ereira – Afife, o da Pedreira/S. Romão do Neiva 1 e o de Lordelo de Cima/Chafé, todos eles no concelho de Viana do Castelo. Neste último foi depositado, igualmente, um braçal de arqueiro e um artefacto em cobre.

Apesar dos vasos campaniformes serem, normalmente, considerados como recipientes para conter bebidas fermentadas, nomeadamente a cerveja, estudos recentes permitiram perceber que também foram utilizados como contentores para alimentos, como cadinhos para a redução



Desenho de vaso campaniforme do Lugar do Vargo, Fafe.

do cobre ou do ouro ou como urnas cinerárias, ou seja, para conter produtos que pressupõem a transformação de matérias-primas naturais, muito provavelmente fazendo parte das acções inerentes ao funeral. Este facto faz-nos crer que os corpos enterrados com estas vasilhas, junto dos antepassados, teriam um papel social importante, quiçá, funcionando como agentes em processos de apropriação, de integração e de incorporação do passado e do poder mítico dos ancestrais. Não esqueçamos que muitos destes túmulos estariam já encerrados e teria sido necessário abri-los para efectuar os novos ritos de enterramento.

3.3. Lugares gravados, lugares de depósitos e novas construções monumentais

A par dos lugares residenciais e dos contextos de tumulação, as populações calcolíticas marcaram alguns espaços naturais que terão experienciado e vivenciado colectivamente através de cerimónias que culminaram em deposições de artefactos ou na gravação de símbolos em determinados suportes. Noutros casos, as comunidades parecem ter materializado as suas interacções com o espaço através de construções monumentais em colinas, à semelhança do que é comum noutros locais de Trás-os-Montes, Alto Douro, Castela – Leão e Galiza.

É comum considerarmos santuários ou locais de culto os sítios gravados, quer em áreas de baixa altitude, quer em plataformas intermédias ou altas dos montes, sempre relacionados com zonas de fronteira entre as águas, as planícies e os montes. Referimo-nos à "arte" atlântica, cujo início muitos autores têm colocado nesta fase cronológico-cultural, embora seja possível que a sua emergência remonte ao Neolítico. Ao contrário da "arte" megalítica, apenas visível por um número restrito de pessoas, a "arte" atlântica foi efectuada em suportes rochosos, ao ar livre, umas vezes aplanados e pouco visíveis, outras impressivos e bem destacados, mas sempre em locais que podiam ser frequentados por um grande número de pessoas, de fácil acessibilidade e com excelente visibilidade para as terras baixas e para os mais diversos recursos hidrográficos. Apesar destas regularidades cada um destes locais tem particularidades litológicas, geomorfológicas e iconográficas que lhe conferem sentidos e significados muito próprios, pelo que são urgentes estudos de caso.

Como exemplo destes espaços de ampla significação simbólica referimos o da Bouça do Colado, Lindoso, Ponte da Barca, composto por 8 rochas gravadas, estando a maior, o Penedo do Encanto, virada a poente. À temática, maioritariamente abstracta, com círculos concêntricos, linhas onduladas e núvens de pontos, associa-se um grande idoliforme, em posição central, que tem sido interpretado como uma representação feminina. Este afloramento compreende, ainda, em área periférica, motivos de conotação cristã e, portanto, de época histórica. O que poderá demonstrar que o lugar se manteve simbolicamente activo na longa duração.



Desenho do Penedo do Encanto, Bouça do Colado, Lindoso, Ponte da Barca (BAPTISTA 1981)

Outro exemplo significativo é o do Penedo da Moura, Viana do Castelo, onde um afloramento destacado dos restantes e uma laje, talvez uma estela, sensivelmente a meio de uma plataforma da vertente Este da serra de Perre, na margem direita da ribeira de Nogueira, se encontram profusamente gravadas. Aqui podemos encontrar diversos círculos concêntricos, um deles com cerca de 1m de diâmetro, nuvens de pontos que preenchem figuras grosseiramente circulares ou triangulares, um círculo segmentado no interior, sulcos que ligam várias gravuras entre si, entre outras de difícil interpretação. Em penedo próximo encontra-se uma cruz de conotação cristã.

Na vertente Oeste e Noroeste de Montedor, Carreço, Viana do Castelo, junto da linha de costa, há vários conjuntos de afloramentos com gravuras rupestres, muitas delas inéditas, que, em conexão com as restantes existentes nas imediações, tornam todo este promontório um importante lugar cerimonial. Um dos *loci* mais impressivos é o da Gandra I, pelo seu contexto imediato. Aqui, de um dos suportes aplanados com alguns círculos concêntricos, no seio de um caos de blocos bem destacado, visualiza-se um filão de quartzo que lhe passa na base Noroeste. Trata-se de um filão com cerca de 1m de largura e vários metros de comprimento e que apresenta a particularidade de ter sido explorado. Tal permite-nos esboçar algumas interrogações sobre as propriedades que seriam atribuídas a este mineral, usado quer para construções, quer para o fabrico de artefactos, durante toda a Pré-História Recente, assim como a importância simbólica das suas áreas de extração.



Penedo da Moura, Viana do Castelo (fotografia da autora).

O "santuário" rupestre da Breia, Cardielos, Viana do Castelo, praticamente inédito, é composto por um grande afloramento granítico aplanado, localizado numa plataforma baixa da vertente Este da Serra de Perre, nas imediações da confluência da ribeira de Nogueira com o rio Lima. Numa análise endótica, muito superficial, a uma fase antiga pertenceriam temas predominantemente abstractos, como os círculos, os círculos concêntricos com covinha central e apêndices, as espirais e os meandros, associados a um eventual idoliforme. Cavaleiros esquemáticos, montados em quadrúpedes e distribuídos um pouco por toda a rocha (alguns deles em articulação com algumas linhas sinuosas que se ligam a figuras abstractas), poderão, ser já da Idade do Bronze. A uma fase estilística distinta correspondem, ainda, figuras efectuadas por sulcos muito finos, em situação periférica às grandes composições, entre as quais se destaca um cavaleiro, transportando um dardo, provavelmente pertencente já à Idade do Ferro. A fases históricas deverão atribuir-se as cruzes e covinhas, de conotação cristã, gravadas também numa área periférica deste afloramento.

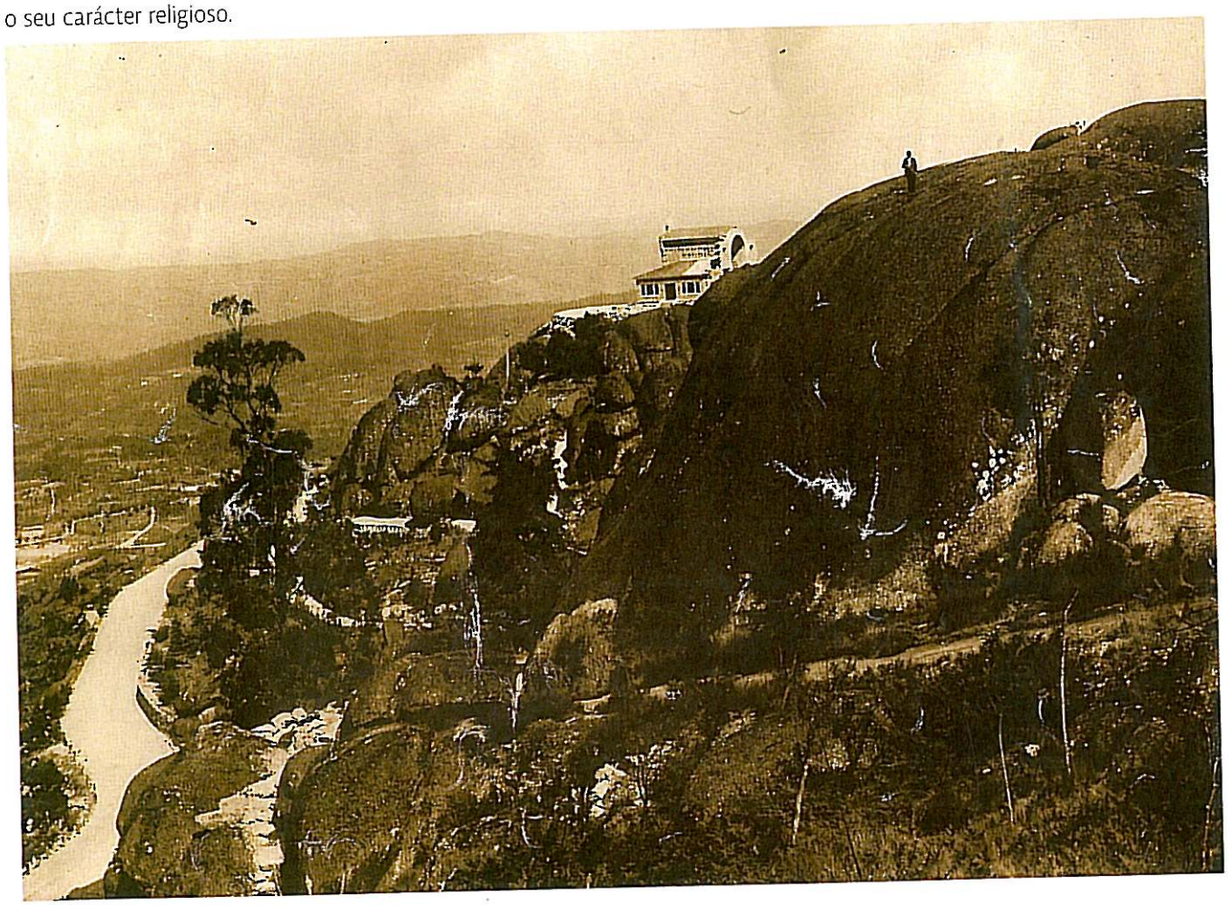
A par destes *loci* existem muitos outros, ainda não devidamente inventariados e estudados, como, por exemplo, o do Monte de Góis, em Caminha, visualmente conectado com o rio Minho e onde se destacam a Laje das Fogaças e a Laje da Chã das Carvalheiras, com motivos abstractos e zoomorfos, nomeadamente cervídeos; o da Bouça da Casa da Benilde, nas margens do rio Âncora, em Freixieiro de Soutelo, Viana do Castelo; o dos Pratos de Nossa Senhora, em Ponte de Lima, nas proximidades de uma linha de água da bacia do Lima; o da Laje dos Sinais/Monte do Olheiro, em Barcelos, com círculos concêntricos, com covinhas e espirais (?) entre outras combinações complexas, como suásticas, estas já atribuíveis à Idade do Ferro; o Penedo dos Sinais, em Guimarães; o de Cabanas - S. Gens, em Fafe, com covinhas, círculos com covinha central, círculos com apêndice radial e, talvez, alguns antropomorfos esquemáticos, assim como uma cruz, numa das extremidades, indiciando a cristianização do local.



Estátua-menir da Ermida, Ponte da Barca (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

Talvez a este período se possa associar, também, a estátua-menir da Ermida, em Ponte da Barca, de contexto desconhecido, incluída, hipoteticamente, nesta fase cronológico-cultural dado o seu carácter feminino e o seu ar de família com algumas do recinto de estelas do Cabeço da Mina, em Trás-os-Montes.

Outra estação paradigmática é a do Monte da Penha, em Guimarães, delimitado pelos rios Selho e Vizela. Trata-se de um acidente orográfico da bacia do Ave, visível a grande distancia e de forte impressividade pela especificidade das suas geoformas, da quantidade de abrigos e fendas graníticas e pelo número de nascentes e linhas de água. Se hoje é uma zona profundamente sagrada dedicada a inúmeros cultos, como o de Nossa Senhora da Penha, o de St.ª Catarinha, o de Nossa Senhora de Lurdes, entre outros, no Calcolítico terá sido já um lugar de grande importância social onde se parecem ter realizado diversas cerimónias e ritos que teriam culminado na ocultação de diversas artefactos cerâmicos, líticos e metálicos, quer em abrigos e fendas, quer em nascentes. Referimo-nos, por exemplo, a inúmeros recipientes cerâmicos profusamente decorados, por vezes recuperados em relativo bom estado, tendo em conta as condições em que foram encontrados[5], situação que só se poderá explicar se tivessem permanecido em contextos fechados após a sua deposição inicial. Também o aparecimento de um fragmento de um vaso oculado (com decoração em forma de sol ou de olhos) e de um campaniforme, ambos recipientes de excepção e normalmente associados a deposições de grande valor simbólico, tornam esta hipótese mais credível. De relembrar que os vasos oculados são raros em termos peninsulares, embora o motivo possa ocorrer em ídolos de pedra, em placas de xisto e de barro, nas falanges de cervídeos e nas pinturas de abrigos, o que acentua o seu carácter religioso.



Aspecto do Monte da Penha, em Guimarães, antes da arborização (Fototeca da Irmandade de Nossa Senhora do Carmo da Penha, Guimarães).

Em relação aos artefactos líticos queremos salientar a descoberta de pontas de seta, aparentemente sem sinais de uso, característica que parece estar de acordo com o carácter deposicional destes objecto, quiçá acompanhando cadáveres ou parte deles. Outro indicador da importância social deste espaço é o depósito de machados em pedra e de um machado plano, em cobre, entre outros materiais, nas imediações da fonte de Santa Catarina. É preciso relembrar que o Calcolítico é o período de emergência da metalurgia em cobre, pelo que estes artefactos, extremamente raros, deveriam ser providos de grande valor mágico e social.



Machado plano, em cobre, encontrado no monte da Penha (Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães).

Quanto às arquitecturas monumentais há que destacar o caso do "recinto" da Sola I/ Bouça do Ouro, em Braga, colina do vale aluvionar do Cávado, onde, entre 2885-2305 a.C., as populações construíram estruturas pétreas, a seco, de grande envergadura[6], criando a separação entre um espaço interior e um exterior. Apesar de muito destruídas foi possível identificar a base de muros de c. de 3m de largura, onde se parecem adossar avançados semi-circulares. O escasso número de cerâmicas calcolíticas de tipo Penha ou penteadas, assim como de artefactos líticos associados, deverão relacionar-se com o facto de o nível de ocupação se encontrar profundamente destruído e de as estruturas se encontrarem ao nível dos alicerces.

Tendo em conta os lugares deste tipo que se conhecem para as áreas vizinhas, é provável que estejamos fase a uma colina monumentalizada através de arquitecturas de grande porte, funcionando este lugar como um pólo identitário e organizador de novas paisagens, no quadro de comunidades que viveriam nas imediações, à semelhança do que parece ocorrer no Nordeste transmontano e no Alto Douro, com o Crasto de Palheiros, em Mirandela, Castelo Velho de Freixo de Numão e Castanheiro do Vento, em Vila Nova de Foz Côa, respectivamente.

No Minho ainda não são conhecidos grandes recintos de fossos, mas a existência destes lugares no Douro Litoral, como o da Forca/Barca, na Maia, com vários hectares, e em Montenegro, Pontevedra, deixa prever a possibilidade de também existirem nesta região, quiçá, com funções sociais e identitárias de ampla expressão.



Castelo Velho de Freixo de Numão, Vila Nova de Foz Côa (fotografia da autora).

4. A IDADE DO BRONZE (DOS MEADOS DO III MILÉNIO AOS SÉCULOS VII/VI DO I MILÉNIO A.C.)

Este texto adopta a divisão tripartida para a Idade do Bronze e a existência de um Bronze Inicial, que decorrerá entre os meados do III aos inícios do II milénios a.C.; de um Bronze Médio, ocupando grande parte do II milénio a.C. e um Bronze Final, com inícios pelo finais do II milénio a.C e término pelos sécs. VII/VI a.C.. As datas apresentadas não são as usualmente defendidas mas sim aquelas que a autora considera para o Noroeste português tendo em conta as alterações verificadas nas dinâmicas de povoamento, nas práticas funerárias, no papel social do cadáver, no papel social da metalurgia, etc.

4.1. Lugares residenciais, actividades de subsistência e metalurgia

Para o *Bronze Inicial* os dados que permitem interpretações sobre os lugares residenciais são ainda escassos facto que poderá ser mais aparente do que real, pois é possível que durante este período tenham persistido cerâmicas tradicionalmente inseríveis no Calcolítico, à semelhança do que ocorreu no Alto Douro e na Beira Alta, motivo pelo qual se torna difícil detectá-los. No entanto, parece verosímil aceitar que as comunidades se aproximam cada vez mais de terras baixas com possibilidades agrícolas.

Um lugar paradigmático é o das Boucinhas/Regueira, em Ponte de Lima, situado numa pequeno outeiro do vale das ribeiras de Garantau e Nevoinho, pertencentes à bacia do Neiva e datado do último quartel do III milénio a.C., mais precisamente de entre 2300 a 1970 a.C. Trata-se de um local com fossas abertas no saibro preenchidas por enchimentos com carácter detrítico, buracos de poste, pavimentos em argila e fossas que cremos sepulcrais.

Um outro sítio deste período é o da Sola IIa, em Braga, situado numa colina do vale do Cávado, onde se registaram buracos de poste, numa ocupação de entre os sécs. XIX a XVII a.C.. A coluna polínica realizada nos sedimentos arqueológicos indicou, nas imediações deste sítio, uma vegetação degradada, provocada por queimadas frequentes, processo que deverá

relacionar-se com a necessidade de áreas de cultivo próximas do povoado, testemunhadas pela curva contínua de cereal, em associação com plantas arvenses.

Na plataforma litoral destaca-se o acampamento de Carreço Praia, em Viana do Castelo, datável da transição do III para o II milénios a.C. e relacionável com actividades costeiras, provavelmente a extracção de sal, pois foi aí encontrado um fragmento de plaqueta similar às usadas durante a Idade do Ferro para essa actividade.

Este período caracteriza-se pela perduração de uma metalurgia exclusivamente de cobre, embora tenham aumentado o número de objectos e aparecido novos modelos em relação ao Calcolítico. São agora mais frequentes as pontas de lança de tipo Palmela, ao mesmo tempo que emergem os punhais de lingueta, assim como as alabardas. Estes últimos artefactos, apesar de se terem encontrado apenas em Trás-os-Montes, estão representados nas gravuras rupestres da fachada atlântica. É, igualmente, neste período que se dá um grande desenvolvimento da ourivesaria, mantendo-se as espirais de prata e de ouro e aparecendo novos objectos de adorno como os diademas, as gargantilhas de tiras, as lúnulas, entre outros. O conjunto destas particularidades parecem denunciar a efectiva introdução e ou consolidação da metalurgia do cobre e da ourivesaria no Noroeste peninsular.

É difícil imaginar o impacto que os primeiros objectos metálicos e a metalurgia tiveram nas populações que os manipularam e fabricaram mas é de presumir que, num momento em que as sociedades não distinguiriam sagrado e profano, sendo a vida diária altamente ritualizada, "transformar" a "pedra" em metal, terá conferido aos protagonistas da actividade metalúrgica e ao próprio objecto, um carácter profundamente mágico. De notar que os artefactos de cobre e mesmo os de ouro e prata, do Bronze Inicial, aparecem quase exclusivamente, em contexto sepulcral ou deposicional, o que acentua o seu carácter excepcional e o seu valor simbólico.

Durante o *Bronze Médio* o número de sítios residenciais aumenta. A sua distribuição geomorfológica traduz um povoamento diversificado, embora se acentue a tendência para a ocupação de sítios de baixa altitude ou de planalto com potencialidades agrícolas.

Em colinas sobranceiras a grandes vales fluviais referimos, destacamos o povoado Sola IIb, em Braga, de entre os sécs. XVII ao XVI a.C., o da Cimalha, em Felgueiras e, muito possivelmente, o da Quinta do Rapido, em Barcelos. Nas áreas planálticas, próximo de pequenos vales, lameiros e prados húmidos, localizam-se os povoados da Tapada da Venda I /Pedroso, Celorico de Basto, de entre os sécs. XV aos XIII/XII a.C. e os de Monte Calvo e Bouça do Frade I, ambos em Baião. Ocorrem, ainda, ocupações em locais de altitude, em áreas com profusão de afloramentos graníticos e abrigos, como é o caso da Bouça do Carriço/Mocegueira, Arcos de Valdevez, datável de entre os sécs. XVIII – XVI a.C. e dos Penedos Grandes I, nos Arcos de Valdevez, que deverá corresponder a uma ocupação temporária, situada entre os séculos XV e XIII a.C., mais relacionável com práticas pastoris de altitude.

Com excepção deste último os povoados parecem ser de grandes dimensões, o que poderá revelar ocupação continuada e maior densidade populacional do que no período precedente. Em todos eles aparecem estruturas construídas em materiais perecíveis, principalmente com troncos ou ramos de carvalho, giestas, argila e terra como elementos ligantes ou de impermebialização, definindo-se as áreas ocupacionais através de valados, buracos de poste, pavimentos, lareiras e conjuntos de fossas abertas no solo e no saibro. Algumas destas fossas, de forma ovóide e mais profundas, poderiam ter servido como fossas-silo para a armazenagem de cereais ou frutos, como, por exemplo, duas do povoado da Sola IIb que foram impermeabilizadas com cortiça e onde apareceram bolotas.

Os resultados das análises de pólenes, de carvões e de sementes carbonizadas indiciam um aumento significativo da antropização do meio, por esta altura, com consequente degradação

do bosque tradicional, paulatinamente substituído pelo mato e pelas plantas sinantrópicas ou ervas daninhas, características que evidenciam uma actividade agro-pastoril mais intensa do que nos períodos anteriores. Há, igualmente, dados que permitem admitir uma agricultura cerealífera bem consolidada, tendo-se cultivado o trigo e o milho-miúdo, que devia alternar com as leguminosas, nomeadamente a fava (*Ficia Vaba* L.) e com as crucíferas, como as couves ou mostardas (*Brassica*), planta cujas folhas são comestíveis. Esta actividade seria complementada com a pesca e com a colheita de plantas e frutos, principalmente de avelãs, de bolotas, de castanhas, de nozes, de peras e, por vezes, de azeitonas silvestres.

Os restos de fauna descobertos nas escavações indiciam rebanhos de ovicaprinos.

Durante o Bronze Médio dá-se a adopção da metalurgia do bronze o que implica a exploração de novos territórios e a circulação de estanho e de cobre, por várias regiões. Esta nova metalurgia, que implica o controle da redução e da junção de dois minérios, deverá ter continuado a ser uma actividade de foro mágico e ritual, estatuto que a metalurgia parece ter mantido até, pelo menos, à Idade Média. Talvez por esse motivo, a maioria dos artefactos em bronze sejam machados, um tipo de objecto já ritualizado desde o neolítico, altura em que eram, frequentemente, fabricados em pedras exóticas. De notar que, durante o Calcolítico, os primeiros artefactos em cobre parecem ser, igualmente, os machados.

As evidências mais antigas desta prática correspondem a possíveis fornos em fossa com canal lateral e restos de fogueiras, a um pingo de fundição e a uma vareta encontrados no povoado da Sola IIb, em Braga, entre os sécs. XVII e XVI a.C., cuja constituição química demonstra, já, uma liga de cobre e de estanho de boa qualidade, segundo análises realizados recentemente. Em bronze, fabricam-se machados, como os de tipo Bujões/Barcelos e os de rebordo, alguns braceletes e, no fim do II milénio a.C., machados de talão sem argolas. O carácter especial dos artefactos em bronze poderá justificar o facto de serem, usualmente, encontrados em depósitos. Trata-se de uma nova manifestação de ritualização de elementos naturais, frequente durante o Bronze Médio, que se liga à ocultação e amortização de artefactos de grande valor social, em bronze e ouro, em lugares presumivelmente sagrados ou de importante significação colectiva, como determinados penedos, meios aquáticos ou o próprio subsolo, elementos primordiais para comunidades agrícolas, pastoris e metalúrgicas.

A partir do *Bronze Final* aumenta sigificativamente o número de sítios residenciais conhecidos. Há, no entanto, alterações nos padrões de povoamento pois, em simultâneo com os lugares construídos em colinas de vales, em áreas férteis no interior de grandes planaltos ou mesmo em contextos de montanha, aparecem povoados localizados em esporões de média altitude, na bordadura das grandes bacias fluviais da região, o que lhes permite boas condições de visibilidade sobre o território circundante e facilidades de acesso quer aos vales, quer aos planaltos, a indiciar uma nova forma de estruturação das populações no espaço.

Como exemplo de povoados em colinas de baixa altitude, referimos o do Corgo - Azurara, Vila do Conde[7], ainda inédito, o do Pego e o do Alto da Cividade, ambos em Braga, todos eles conectados com a bacia do rio Ave e o da Santinha, em Amares, nas proximidades do rio Cávado, com ocupações a partir do séc. X a.C..

Em áreas planálticas ou em plataformas de vertentes com potencial agrícola, é de salientar o da Tapada da Venda II, em Celorico de Basto, com uma ocupação de entre os sécs. XIII e o XI a.C., o da Corga do Carropo/Lugar Novo, em Terras do Bouro, assim como o da Bouça do Frade II e da Lavra II, ambos em Baião, de entre os séculos XI a VIII a.C. e X a VIII a.C., respectivamente.

Em contexto de monte destacamos as várias ocupações dos Penedos Grandes, nos Arcos de Valdevez, de entre os séculos X – IX a.C. e VIII – VI a.C.

Em remates de esporões de média altitude, na bordadura de vales, encontram-se os lugares do Barbudo I, em Vila Verde, datado do séc. IX a.C., da Costa, igualmente em Vila Verde, de Cabanas I, em Braga, ocupado no séc. X a.C., da Falperra I e de Nossa Senhora de Fátima, também em Braga, do Castelo de Faria I e de Roriz I, em Barcelos e de S. Lourenço I, em Esposende, para citar apenas alguns. Em posição similar, mas a baixa altitude, há a referir o povoado do Coto da Pena I, em Caminha, na confluência do rio Coura com o Minho.

As dimensões destes sítios podem ser muito diversificadas, independentemente da localização geomorfológica. Se por um lado há povoados com vários hectares, como é o caso do Corgo - Azurara, da Corga do Carropo/Lugar Novo, do Lugar da Costa e, possivelmente, do Alto da Cividade, há outros de pequenas dimensões, como o Pego e que, talvez, tenha albergado apenas uma família, durante algumas gerações. Há ainda as ocupações dos Penedos Grandes II e III, nos Arcos de Valdevez, em diversos momentos do Bronze Final, localizadas em pequeníssimas plataformas rodeadas por afloramentos graníticos, podendo corresponder a acampamentos temporários associados a actividades de montanha ou que requerem alguma ocultação.

Em relação à organização interna, os que se localizam em colinas e planaltos contêm inúmeras fossas abertas no saibro, frequentemente agrupadas em núcleos que, usualmente, se distanciam uns dos outros algumas dezenas de metros. Nestas áreas é frequente a existência de buracos de poste talvez pertencentes a construções perecíveis que cobririam as estruturas subterrâneas. No caso da plataforma superior da Santinha I, existia um murete de pedra, associado a buracos de poste, que constituiriam a base de uma edificação em materiais perecíveis onde se inseriam várias fossas. Nestes lugares foram igualmente detectados pavimentos de saibro e ou alinhamentos de buracos de poste de eventuais cabanas. Alguns deles foram delimitados por paliçadas, como é o caso do Pego, enquanto outros continham muros de contenção de terras nas vertentes, proporcionando terraços artificiais, como na Santinha.

A organização interna dos lugares de maior altitude é ainda pouco conhecida, pois o único sítio escavado em área foi o de S. Julião, em Vila Verde, cuja interpretação como povoado terá que ser mitigada. Apenas é possível afirmar que as estruturas habitacionais seriam, maioritariamente, em materiais perecíveis, com pisos de saibro ou de terra batida, por vezes delimitados por alinhamentos de pedras ou por sulcos, como nos povoados do Barbudo I, de Cabanas I e da Falperra I. As análises de antracologia destes locais indiciam que estas estruturas teriam paredes construídas com pequenos ramos suportadas por troncos de carvalhos e revestidas com argila seca ao sol, o que permitiria uma forte impermeabilização. Os tectos seriam construídos com giestas ou urzes. As excepções encontram-se em alguns povoados litorais, como no Coto da Pena I e eventualmente, em S. Lourenço I, onde há referências a uma construção circular efectuada com pedra miúda ligada com barro, associada à data de 2520±50BP. Nestes locais as fossas parecem ter sido excepcionais, embora existissem. Alguns destes sítios foram delimitados por construções em madeira, nomeadamente paliçadas, como teria ocorrido no Barbudo I. Noutros edificaram-se muros de pedra a seco, como na plataforma superior do próprio Barbudo I e do Coto da Pena I.

Tendo em conta o número de povoados que se conhecem para este período, o processo de monumentalização teria sido extremamente raro, o que não corrobora o pressuposto da generalização deste fenómeno, durante o Bronze Final, como vários autores já têm acentuado.

Perante esta diversidade de lugares residenciais colocámos, em 1999, a hipótese de que poderia ter existir um povoamento hierarquizado, numa lógica de ocupação do território em que as populações dos povoados de altitude, se deslocariam em determinadas fases do ano, para os de baixa altitude, numa complementaridade de actividades subsistênciais. Se bem que tal ideia

possa explicar, por exemplo, a existências de lugares sazonais, como os dos Penedos Grandes II e III, talvez não se deva aplicar de forma tão generalista ao vasto território do Minho. Assim, cremos que estes lugares disseminados no espaço se devam analisar mais na perspectiva de um povoamento complementar em que populações interagem entre si e com os mais diferentes lugares naturais, priviligiando, eventualmente, uma ou outra actividade, em cada um deles, no seio de territórios física e ideologicamente partilhados.

Em 1999 defendemos, igualmente, tendo como paradigma S. Julião, que os lugares na bordadura dos grandes vales, e de longa duração, teriam funcionado como marcos territoriais e eventuais centros de poder onde, através de actos cerimoniais, se negociaria ou consolidaria a coesão dos restantes grupos existentes no território. Um novo olhar sobre estes sítios excepcionais e de grande monumentalidade natural e artificial permitem-nos equacionar, agora, novas hipóteses que explicitaremos no ponto 4.3.

Seja como for, o que parece é que, a partir do Bronze Médio, existem novas percepções e interacções do e com o espaço, em que os lugares residenciais, mais sedentários e visíveis, se tornam cada vez mais, pontos de referência e de ordenação física e simbólica do território. Eles parecem ser, principalmente a partir do Bronze Final, "centros" para onde convergem diferentes actividades e onde os indivíduos partilham experiências comuns, por oposição ao espaço envolvente, como práticas agro-pastoris e metalúrgicas, ritos funerários e acções e cerimónias de carácter público que implicam o manuseamento de artefactos metálicos e de *itens* exóticos.

As diferentes estratégias de ocupação do território contribuíram também para a "exploração" dos mais diversos "recursos" naturais existentes (provavelmente não entendidos apenas como tal pelas comunidades que deles usufruíram)[7], nomeadamente nos montes, nos planaltos, nas vertentes e nos vales, o que terá provocado uma intensa e irreversível degradação da floresta primitiva e o aparecimento de um coberto aberto com arbustivas, plantas herbáceas e campos agrícolas.

Sob o ponto de vista das actividades de subsistencia, estas comunidades assentariam na complementaridade de exploração dos recursos do planalto e do vale, consolidando o sistema agro-silvo-pastoril. Admite-se que se tenha desenvolvido o cultivo dos cereais de Verão e de Inverno (trigo, milho miúdo e cevada), das leguminosas (ervilhas e favas) e das crucíferas (couves/mostardas), assim como a criação de gado caprino, ovino, suíno e bovino. Restos de canídeo também são conhecidos durante este período. Actividades como a recolecção e a pesca terão continuado a ter um papel importante em termos da dieta. Colhiam-se frutos selvagens como as bolotas, as peras, as uvas e, eventualmente, a sorva. O mel foi usado pois encontraram-se restos da utilização da cera. Nos povoados do litoral, consumiram-se caramujos, lapas, mexilhões e ostras.

Durante o Bronze Final acentua-se a actividade metalúrgica, ainda essencialmente binária, e aparecem novos artefactos metálicos, quer de tradição local, como os machados de talão de duas argolas, quer os de inspiração atlântica ou mediterrânica, o que revela o aumento de "contactos" entre as comunidades do Minho, ricas em estanho, com as de outras regiões, provavelmente de forma indirecta.

Circulam, manipulam-se e depositam-se novos artefactos metálicos em bronze (espadas, pontas de lança, punhais, machados, foices, braceletes, fíbulas, caldeiros, entre muitos outros), acusando acções e ritos inovadores e novas concepções ideológicas. A este mesmo universo poderão associar-se as primeiras contas de vidro da Santinha e de S. Julião, em contextos dos séculos X e IX a.C., respectivamente e os primeiros artefactos de ferro de importação, como a pequena falcata encontrada em S. Julião.

A produção de artefactos metálicos que se verifica, essencialmente, no âmbito dos povoados, infere-se pela descoberta de diversos objectos. Referimo-nos aos moldes em pedra do Castro de Álvora, nos Arcos de Valdevez, na Corga do Carropo, em Terras do Bouro, na Santinha, em Amares, no Corgo – Azurara, em Vila do Conde[8] e no lugar de S. Julião, em Vila Verde. Neste último local apareceram restos do que poderá ter sido um molde em cera perdida, a extremidade de uma tubeira de um fole e vários fragmentos de cadinhos. A actividade metalúrgica também parece ter ocorrido num abrigo granítico dos Penedos Grandes, em Arcos de Valdevez, onde apareceram fogueiras e restos de sucata.





Contas de vidro da Santinha I e de S. Julião (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

4.2. Arquitecturas e práticas sepulcrais

Uma das principais características dos contextos funerários de toda a Idade do Bronze é a diversidade de soluções arquitectónicas. Há, no entanto, práticas associadas ao funeral que permitem efectuar algumas interpretações sobre a importância do cadáver nos diferentes fases em que sudividimos este período.



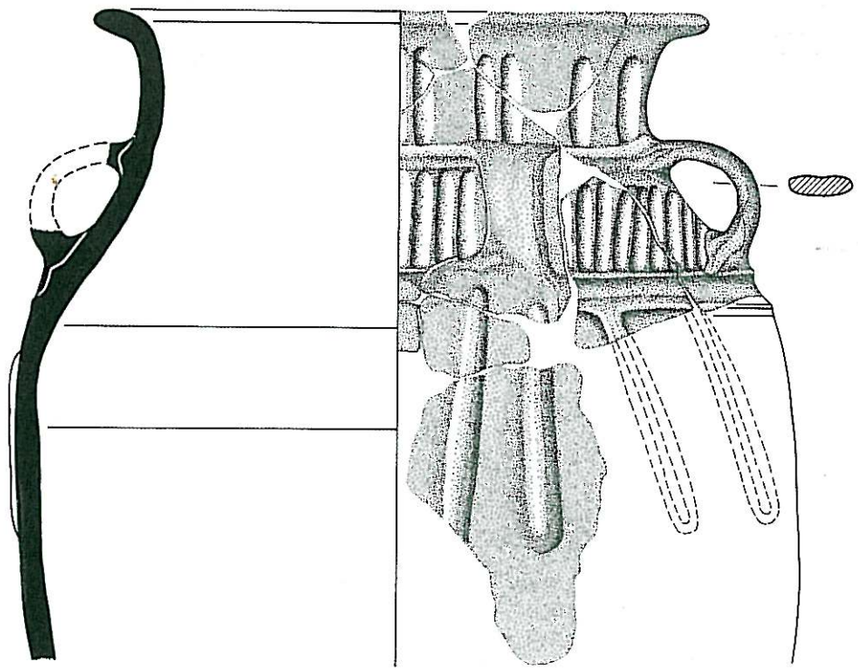
Tubeira
Fojo de S. Julião, Vila Verde (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

Em primeiro lugar queremos referir que, durante toda a Idade do Bronze, ocorrem reutilizações de monumentos megalíticos. No início estas materializam-se pelo depósito de recipientes cerâmicos, de artefactos líticos e metálicos, em ouro e prata, típicos desta época. Uma das reutilizações mais antigas será a do dólmen do Monte da Cerca, em Esposende, onde foi encontrada uma espiral de prata atribuível ao Bronze Inicial. A este período ou já ao Bronze Médio, atendendo às balizas cronológicas estabelecidas para estes recipientes, podemos atribuir o vaso troncocónico depositado num dos monumentos megalíticos da Serra, em Esposende. Do Bronze Médio deverá ser o púcaro com carena na pança e mamilos da Antela da Portelagem em Esposende, assim como o vaso, provavelmente encontrado numa das mamoas neolíticas dos Prados, em Arcos de Valdevez, nas explorações de Lourenço do Valle, em 1782, cujas aderências orgânicas datámos de entre os finais do sécs. XVIII aos finais do XVI a.C.. De cronologia similar poderá ser a reutilização do dólmen do Carreiro da Quinta, em Vila Verde, onde se encontraram dois vasos de largo bordo horizontal e um similar ao dos Prados. Já do Bronze Final será a última reutilização da Mamoa de Chafé, em Viana do Castelo onde se depositou uma taça carenada.

Na Galiza, no Douro Litoral, na Beira Alta e na Beira Litoral registam-se, ainda, monumentos sepulcrais de "tradição megalítica". São estruturas cobertas por montículos artificiais de pedra e terra, muito pouco perceptíveis na paisagem, em cujo espaço central se construíram pequenas cistas de pedra ou fossas abertas no substracto. Por vezes não aparece qualquer tipo de câmara o que faz pressupor que estas poderiam ser em materiais perecíveis ou que os ritos funerários se efectuariam directamente sobre o solo. Os casos mais paradigmáticos para o Bronze Inicial são o *tumulus* de Meninas do Crasto 4, em Baião, datado da segunda metade



Púcaro de Antela da Portelagem, Esposende (Câmara Municipal de Esposende).



Vaso de Prados, Arcos de Valdevez.

do III milénio a.C. e a estrutura periférica do *tumulus* de Outeiro de Gregos I, em Baião, embora este tipo de monumentos possa persistir até aos finais da Idade do Bronze, como é o caso do monumento da Sr.ª da Ouvida 11 e 12, em Castro Daire (de entre os sécs. XI - X a.C. e X - IX a.C., respectivamente). Apesar de no Minho se conhecerem inúmeros monumentos deste tipo, como os de Chã de Pedrelo, em Arcos de Valdevez, os de Mariolas, em Vieira do Minho, os da Laje da Malhadoura e do Alto das Casinhas, em Fafe, ou os de Vale de Chãos, em Braga, a ausência de publicações sobre os trabalhos realizados nalguns deles e de escavações noutros, não permitem a sua insercção cronológica precisa. Talvez dentro desta tradição megalítica se



Oferendas encontradas nos túmulos 1 e 2 de Chã de Arefe, Barcelos (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

possa incluir a necrópole de Chã de Arefe, em Barcelos, inserível no Bronze Inicial, onde os dois túmulos escavados revelaram o aproveitamento de penedos graníticos, a demonstrar a importância simbólica de determinados elementos naturais. O túmulo 1 correspondia a uma cista, circundada por um recinto ovalado delimitado por 9 monólitos graníticos, alguns ali colocados intencionalmente. A importância social dada ao corpo aí enterrado infere-se pelas oferendas que o acompanhavam: uma ponta de lança em cobre, de tipo Palmela, um braçal de arqueiro e um vaso tendencialmente troncocónico indiciando o equipamento de um guerreiro ou de um caçador mítico ou, *quiçá*, de alguém a quem a sociedade reconhecia determinados poderes sobrenaturais. O túmulo 2 correspondia a um recinto oval delimitado, também, por 9 monólitos graníticos. No seu interior, existia uma câmara rectangular, no sentido este-oeste, cortada no saibro e subdividida em duas zonas distintas, sendo parcialmente forrada por lajes, no sector mais a este, e apresentando, a oeste, apenas uma laje de pavimentação, local onde foi depositado um braçal de arqueiro, objecto, que por si só, poderá simbolizar as actividades descritas anteriormente.

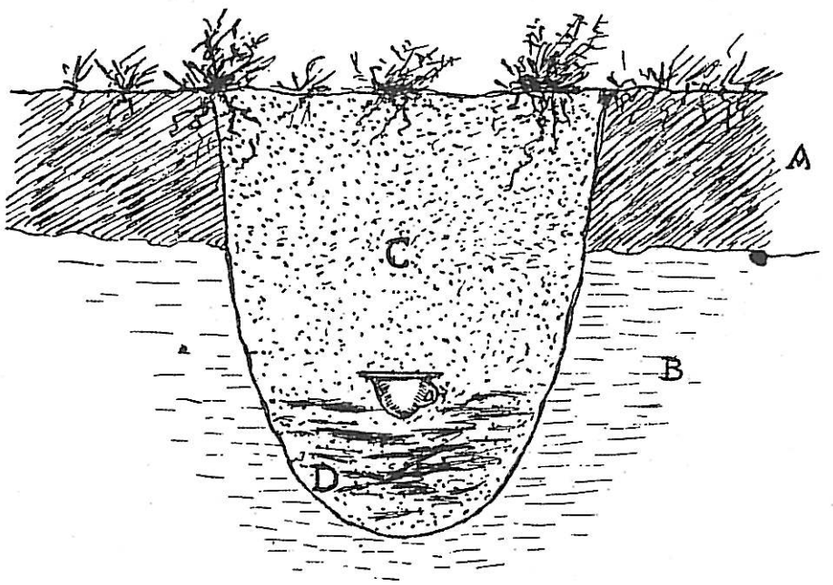
Alguns destes monumentos foram construídos na periferia ou no seio de território profundamente sagrados, desde o Neolítico, enquanto outros surgem em lugares novos, quer de altitude, como é o caso das Mariolas, quer em plataformas médias e baixas de vertentes, como se denota, em Vale dos Chãos, em Braga.

Devido à acidez dos solos do Noroeste é difícil perceber a função de muitas fossas abertas no saibro; contudo, é provável que algumas, sobretudo as que se encontram seladas, pudessem ter tido função sepulcral e ter sido usadas já, desde o Bronze Inicial, como se verificou em Ourense, no lugar da A Fraga do Zorro, onde uma fossa com ossos, aparentemente cremados, se datou de entre os sécs. XIX e XVIII a.C. Deste modo é verosímil admitir que as fossas seladas das Boucinhas, em Ponte de Lima, da transição do III para o II milénios a.C. contendo vasos intactos no seu interior, pudessem ser sepulcrais.

De contexto, seguramente posterior, dadas as balizas cronológicas para os vasos de largo bordo horizontal – desde o Bronze Médio até ao Bronze Final – seria a necrópole de fossas de Faísca, em Guimarães, localizada num colina do vale do Ave. Aí encontraram-se mais de uma dezena de fossas, de perfil semi-ovóide, com cerca de 1,10m profundidade por cerca de 80cm de diâmetro, contendo, cada uma, um vaso de largo bordo horizontal, mal cozido e sempre "requeimado", disposto na vertical a cerca de 70cm a 80cm de profundidade.

Outra fossa tradicionalmente considerada como funerária é a de S. Julião, em Vila Verde, em contexto do Bronze Final, tapada com pedras e contendo um vaso de tipo urna.

Outro tipo de estruturas são as sepulturas planas, de forma oval ou rectangular, abertas no saibro, por vezes, tapadas com saibro ou com pequenas concentrações pétreas. A sua cronologia remontaria, também, ao Bronze Inicial ou ao Bronze Médio, sendo uma das principais manifestações de enterramento, durante o II milénio a.C., não raro, definindo necrópoles nas imediações de povoados. Como exemplo citamos a necrópole do Tapado da Caldeira, Baião nas cercanias da Bouça do Frade, datada de entre os sécs. XVII e o XV a.C. ou a da Cimalha, em Felgueiras, ambas no Douro Litotal, onde muitas das sepultura contêm vasos troncocónicos ou de largo bordo horizontal.



Corte esquemático de uma das sepulturas de Caldelas, Fossas de Faísca, Guimarães (CARDOSO 1936)

No Minho, a necrópole da Quinta da Bouça, Bairro, Famalicão, deveria ter sido constituída por sepulturas abertas no saibro de forma rectangular, tendo em conta a descrição efectuada por José Fortes, em 1908 que refere o achado de um bracelete de ouro *"numa área rectangular, que poderia corresponder em dimensões a um coval d'inhumação"*, assim como *"o apparecimento no mesmo terreno, á distancia de cerca de 100 metros, de duas vasilhas hermeticamente tampadas e contendo "terra em pó", quando em tempo remoto se procedeu a uma idêntica surriba"*. Os vasos correspondem a um púcaro com carena na pança, a um largo bordo e a um troncocónico, existindo restos de um outro de forma indeterminada, formas que apontam para uma cronologia dos meados/segunda metade do II milénio a.C., mais precisamente do Bronze Médio.

Do Bronze Final é, seguramente, a necrópole de sepulturas planas do Pego, em Braga, datadas de entre os sécs. VIII – VI a.C., contendo vasos de largo bordo horizontal, e a de Curvos, em Esposende, onde foi depositado uma taça carenada.

As cistas são outro tipo de sepulturas frequentes na Idade do Bronze. Podem ser rectangulares, quadrangulares ou trapezoidais, forradas a xisto ou granito, e cobertas com lajes ou pedras. Do Bronze Inicial é a cista da Quinta de Água Branca, em Vila Nova de Cerveira, datada de entre os finais do sécs. XXI e os meados do XVIII a.C.. Aí foi enterrado um indivíduo coberto, pelo menos parcialmmente, com um colorante avermelhado, com um diadema em ouro sobre o crânio, um punhal de cobre, do lado esquerdo além de duas espirais e dois aros de ouro em posição desconhecida. É de notar que à volta desta sepultura se efectuaram ritos e se realizaram depósitos, a demonstrar a importância da personagem inumada. Deste período ou já do Bronze Médio será a cista de Lordelo, construída nas proximidades do dólmen de Chafé, Viana do Castelo, assim como a necrópole da Cavaleira, em Esposende, onde foram depositados vasos troncocónicos.



Vasos de Largo bordo horizontal do Pego, Braga (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

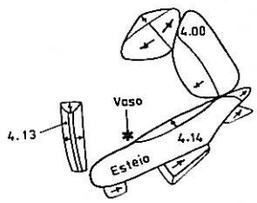
Do finais do Bronze Médio é a necrópole de cistas de Agra de Antas, em Esposende, situada numa colina sobranceira a vales agrícolas. Aí foram identificadas mais de 14 sepulturas, presumivelmente organizadas por núcleos, onde se conservaram ossadas de vários indivíduos, datados de entre os sécs. XV e XII a.C.. No interior das sepulturas foram depositados vasos de largo bordo horizontal, assim como um subcilíndrico.

De cronologia idêntica poderá ser a necrópole do Lugar de Belinho, em Esposende, situada numa plataforma de baixa altitude, sobranceira à plataforma litoral. Aí teriam aparecido várias sepulturas em xisto, no interior das quais se depositaram vasos de largo bordo horizontal e potinhos com carena na pança.

Ao Bronze Final pertenceria já a necrópole de cistas rectangulares do Monte da Ola, em Viana do Castelo, igualmente com vasos de largo bordo horizontal, datada de entre o séc. XIII aos meados do séc. X a.C.

Para este período, nomeadamente para o séc. X a.C., há ainda que referir a estrutura cistóide, coberta com pedras, do povoado da Santinha, em Amares, onde foi depositado um potinho cerâmico com vestígios de cinzas, talvez de uma incineração. Do Bronze Final será a estrutura, aparentemente circular, definida por um alinhamento de pedras e saibro dos Granjinhos, em Braga, na proximidade do povoado do Alto da Cividade, e no interior da qual se colocaram quatro urnas de incineração.

Também a este período se poderá atribuir, pelo menos, um dos enterramentos do eventual túmulo colectivo de incineração da Cova da Moura – Carreço, em Viana do Castelo, com 48m no sentido N-S, 28m no eixo E-W e 8m a 11m de altura, onde se detectou uma laje grosseiramente antropomórfica e uma foice de alvado, em bronze.





Estrutura cistóide da Santinha I, em Amares e potinho encontrado com vestígios de cinza (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

Analisando todo este acervo documental ensaiámos algumas interpretações sobre os ritos e práticas funerárias que passaremos a enunciar:

- Primeiro, que a prática da *inumação*, preponderante durante o Bronze Inicial e Médio, mantêm-se até aos finais da Idade do Bronze, de forma bem explícita, em coexistência com ritos de incineração, prática que parece aumentar no Bronze Final;

- Outro aspecto de especial relevância é o do papel do cadáver ao longo do tempo. Em relação a este assunto verificamos que é apenas no Bronze Inicial que se depositaram cadáveres acompanhados de artefactos de grande valor social, o que nos faz pressupor que alguns corpos teriam sido escolhidos pelas comunidades para legitimar a reocupação e ocupação de novos territórios durante este período, assumindo assim, uma importante função social. Legitimado o território, à medida que o Bronze Médio avança a descrição, a escassez ou a ausência de oferendas depositadas nos túmulos, parece ser a norma, o que poderá revelar, pelo menos no plano simbólico, que os cadáveres perderam a sua importância como referente da memória social. Na mesma ordem de ideias, durante o Bronze Final, os locais de enterramento, bastante opacos, já não se constituiriam como cenários públicos de negociação da identidade social mas apenas como lugares onde se afirmariam as relações de parentesco e os laços familiares. Deste modo os cenários e as acções de poder parecem ter-se deslocado, gradualmente, dos espaços dos mortos para espaços conectados com o mundo dos vivos, como, por exemplo, para alguns lugares naturais "marcados" por depósitos, para "santuários" rupestres, para o interior de muitos povoados, cada vez maiores e mais impressivos numa paisagem já muito antropizada e para o seio de "recintos naturais monumentalizados" como S. Julião, em Vila Verde e, provavelmente, o Alto da Pena, em Paredes de Coura/Arcos de Valdevez, a revelar, uma maior importância do corpo vivo na estruturação da identidade e do poder. Tal poderá ter-se materializado, igualmente, nas estelas e nas estátuas-menires do Bronze Médio e do Bronze Final, como as da Longroiva, na Meda, da Bouça, em Mirandela, de Faiões e do leito do Tâmega, em Chaves, de S. Bartolomeu do Mar, em Esposende, de S. João de Ver, em Santa Maria da Feira, em Muiño de San Pedro, Verín – Ourense, etc.

4.3. Lugares gravados, lugares de depósitos e o significado de novas construções monumentais

Durante a Idade do Bronze, além dos povoados é possível identificar outros lugares naturais com os quais as comunidades interagiram no seio dos seus territórios. Referimo-nos aos lugares de depósitos, aos santuários de arte rupestre e a alguns relevos, magnificamente visíveis, pela sua monumentalidade natural e construída.

Um dos lugares naturais cuja importância simbólica se parece ter mantido activa desde o Calcolítico até à Idade do Ferro, é o *Monte da Penha*, em Guimarães, local, onde durante a Idade do Bronze, se foram efectuando vários ritos e cerimónias que culminaram na deposição de artefactos metálicos e cerâmicos em fendas e contextos próximos de fontes. Referimo-nos ao lugar da Pedreira da Pena ou do Monte, no Lugar do Telhado onde, numa fractura de um penedo, se depositaram duas pontas de lança, em bronze, e um pequeno vaso cerâmico, às imediações da fonte de Santa Catarina, onde se teria ocultado uma lança entre os sécs. XIII e IX a.C. e vários machados de bronze, ao lugar do Souto Escuro/Cantonha, onde se teriam depositado vários braceletes associados a um recipiente cerâmico. De salientar, ainda, o achado no Monte



Estátua-menir de S. Bartolomeu do Mar, Esposende.

da Penha, de diversos vasos intactos, característica que nos indicia terem sido provenientes de contextos fechados, associados a eventuais práticas deposicionais.

Conhecem-se muitos outros lugares naturais cujos actos aí celebrados se materializaram na ocultação de artefactos durante a Idade do Bronze. Referimo-nos, por exemplo, a contextos relacionados com fendas ou abrigos graníticos, como é o caso do depósito da Cova da Bouça, em S. Bartolomeu do Mar, Esposende, numa das vertentes mais impressivas da arriba fóssil do litoral entre o Cávado e o Neiva, composto por uma espada de tipo argárico e por dois machados planos atribuível ao Bronze Médio, do depósito do Castelo de Formariz, em Paredes de Coura, onde 14 machados de talão foram detectados "*...numa pequena cavidade, junto de um bloco granítico*"[9] ou ao da Quinta da Fonte Velha/Viatodos, em Barcelos, onde vários machados de talão, de duplo anel, e lingotes foram depositados no interior de um vaso, sob um penedo, nas imediações de uma fonte. No caso dos depósitos áureos, em contextos similares, são particularmente interessantes os inseríveis no Bronze Médio, como o do Lugar da Mata, em Sequeade, Barcelos, onde, em área com afloramentos, se recolheu um vaso subcilíndrico com tampa, contendo no seu interior uma meada de ouro, o de Mereces, Vila Cova, em Barcelos, constituído por duas meadas de ouro, encontrado sob um penedo, o da Bouça da Tomadia da Mata, em Barcelos, num afloramento da vertente sul do Monte da Saia, contendo uma espiral, um bracelete e um fragmento de um tubo maciço e o do Lugar de Passagens, Penouta/Arnozela, em Fafe, associado a penedos da zona ribeirinha, onde foram encontrados 20 braceletes.



Pontas de lança do Lugar do Telhado, Monte da Penha (Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães).
Vaso do Monte da Penha (Museu da Sociedade Martins Sarmento).



Bracelete de Souto Escuro/Cantonha (réplica do Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães, a partir do original do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa).

Em contextos aquáticos ou relacionados com as águas, podemos referir para o Bronze Médio, o depósito de machados planos da antiga Estação de Autocarros, em Viana do Castelo, ainda inédito, e o de Retortas, em Vila Verde, onde um machado de talão, sem anéis, foi encontrado nos actuais aluviões do rio Cávado. Para o Bronze Final destacamos os depósitos dos machados de alvado retirados dos rios Lima e Cávado ou o depósito de oito machados de talão, depositados numa fossa, aos pares e com o gume para baixo, da Praia Norte, em Viana do Castelo.



Depósito da Couva da Bouça, Esposende (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

No subsolo e em áreas sem afloramentos, há referências ao depósito do Bronze Médio do Lugar da Mata, na Póvoa de Lanhoso, que teria cerca de 30 machados planos, e o de cronologia mais discutível da Vessada/Ameal - Góios, em Barcelos, que forneceu uma cadeia composta por cinco espirais de ouro.

Outro dos lugares paradigmáticos "marcado" com depósitos é o de *Vale Ferreiro*, em Fafe, com deposições de corpos desde o Bronze Inicial até ao Bronze Final e que dificilmente se poderá considerar uma necrópole, dada a exiguidade de tumulações para um período tão abrangente, características que implicam frequência excepcional.

Trata-se de um remate de esporão de baixa altitude, inserível no vale do Ave, onde existem vários filões de quartzo e sob o qual passa um rio subterrâneo com águas sulfurosas e com inúmeras lajes moldadas pela acção das águas, características naturais que parecem ter assumido especial significado para as comunidades da Idade do Bronze pois usaram algumas destas lajes, assim como inúmeros quartzos, na construção dos túmulos mais antigos e de maior investimento arquitectónico do local. Referimo-nos aos túmulos 1 e 2. No primeiro, foi enterrado, de cócoras, um indivíduo do sexo masculino, com cerca de 15 anos, entre os sécs. XXII e XIX a.C. numa câmara de tipo cistóide, rodeada por um montículo de quartzos, inteiramente colocada no interior de uma fossa aberta no saibro e provavelmente coberta com saibro. No túmulo 2, e no interior de uma câmara rectangular subterrânea, constituída por um muro de alvenaria edificado com blocos de rochas locais e alógenas, foi enterrada uma personagem, em decúbito lateral e coberta de argila vermelha, portadora de duas espirais de ouro, de um vaso e de um moinho manual dormente. O vaso foi colocado sobre uma cama de quartzos brancos com veios ferruginosos, por detrás do que se pensa ser o local da cabeça, e o moinho foi depositado por detrás das costas. Neste local abriram-se, igualmente, pequenas sepulturas no saibro, contendo oferendas em cerâmica ou em materiais perecíveis, como é o caso dos túmulos 3 e 4, respectivamente, assim como inúmeras fossas, algumas contendo o depósito de sementes e outras, presumivelmente, tumulações. Uma delas foi datada de entre os sécs. XVIII a XVI a.C., ou seja, do Bronze Médio. Do Bronze Final há a registar uma fossa rectangular, bastante profunda, rodeada por diversos buracos de poste, que delimitam uma estrutura grosseiramente oval, talvez uma "casa túmulo", datada de entre os sécs. XIII a X a.C.



Bracelete e espiral em ouro do depósito da Bouça da Tomadia da Mata, Monte da Saia, Barcelos (Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães).

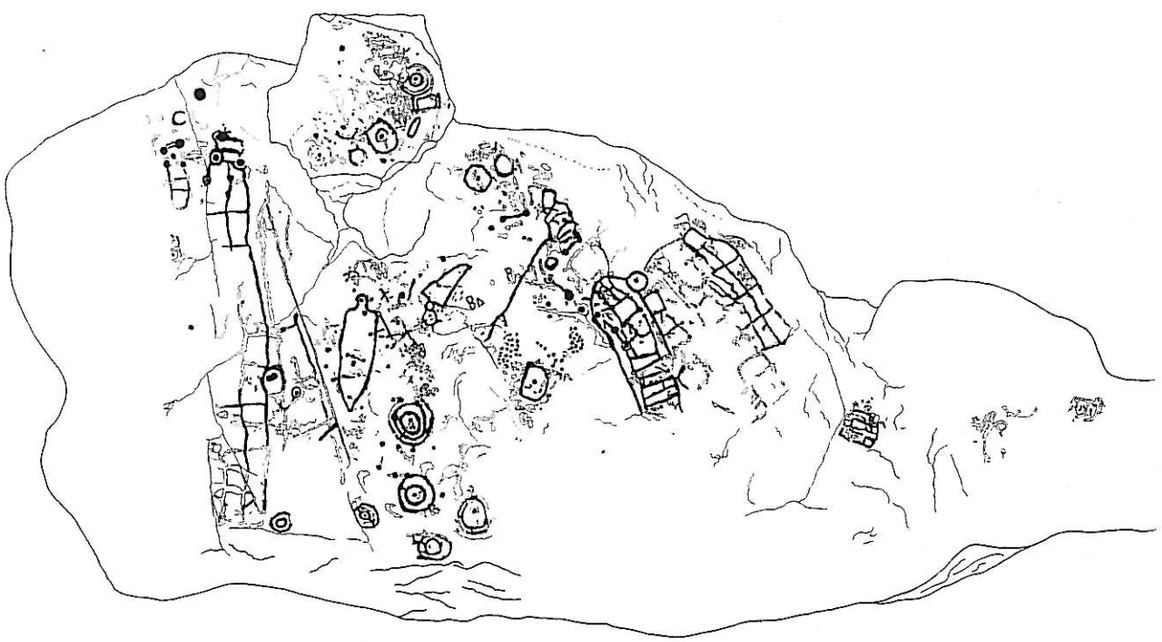


Espriral em ouro, vaso e moinho manual do túmulo 2 de Vale de Ferreiro (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

As primeiras personagens aí enterradas, com túmulos exuberantes e oferendas de grande valor social, deverão ter sido mitificadas através de diferentes processos de transmissão da memória social, como a inscrição (que engloba novas construções) e a incorporação (que implica diversas acções), para usar conceitos do sociólogo Paul Connerton (1989). Tal ilação alicerça-se no facto de, à volta destes túmulos primitivos, se terem efectuado diversas deposições e realizado novos enterramentos, em estruturas singelas, sem espólio ou com oferendas discretas, durante toda a Idade do Bronze. Tais características permitem interpretar Vale Ferreiro como um lugar que se terá tornado comemorativo ou especial, quer através de sentidos e histórias que lhe foram adscritas, normalmente relacionadas com eventos do passado, quer através de adições, ambos mecanismos de transmissão da memória, com funções sociais e ideológicas de agregação.

Durante toda a Idade do Bronze deverão ter persistido, como lugares significantes em termos públicos, os "santuários rupestres" da denominada "Arte Atlântica". Apesar de termos admitido a sua emergência no IV milénio a.C., ou seja, no Calcolítico regional, pensamos, na linha de outros autores, que estes lugares ao ar livre e de difícil remoção, estariam sujeitos a "reutilizações" e "reinterpretações" ao longo do tempo, tendo sido, muito provavelmente, utilizados até parte da Idade do Ferro, ou mesmo posteriormente, provavelmente como forma de integração do tempo mítico na cosmogonia das diferentes comunidades que ocuparam o território do Minho. Para tal, temos em linha de conta a cristianização de muitos deles, através da gravação de cruciformes, assim como a obra *Correctione Rusticorum*, escrita por S. Martinho de Dume, no séc. VI d.C., que condena o culto a rochedos assim como a "*adoração a ídolos e forças da natureza*"[11], ainda muito frequente no Noroeste àquela data.

Um bom exemplo da reinterpretação destes locais é o de Monte da Laje, em Valença do Minho, com 9 rochas historiadas, detectado numa vertente sobranceira à margem esquerda do rio Minho. A par de motivos abstractos de cronologia supostamente anterior, como os círculos concêntricos, as linhas onduladas e os prováveis idoliformes, há representações de armas da Idade do Bronze, nomeadamente punhais.



Desenho do Monte da Laje, Valença do Minho com gravuras de punhais (seg. Ana Leite Vasconcelos).

Este fenómeno é, também, comum em diversas gravuras da Galiza, como na Pedra das Ferraduras, em Cotobade, na Foxa Vella, em Rianxo e na Foz da Lagoa, em Redondela, para citar apenas algumas.

É provável que a gravação de cavalos e de símbolos presumivelmente representativos de rodas se possam ter iniciado na Idade do Bronze momento em que a domesticação deste animal se vulgariza na Europa. Assim sendo, *locus* como o da Breia, Viana do Castelo, já referido a propósito do Calcolítico, poderiam ter sido reinterpretados nesta altura com cenas de cavalos e cavaleiros. Por esta ordem de ideias talvez o lugar de Fornelos, no promontório "sagrado" de Montedor, Carreço, Viana do Castelo, maioritariamente gravado com este tipo de animais, se possa atribuir a esta fase. De referir que o suporte e as condições de acessibilidade a este lugar são muito distintas das inseríveis na Arte Atlântica, o que poderá indiciar novas formas de percepção do espaço.

Como hipótese de trabalho sugerimos que os círculos segmentados, normalmente localizados em áreas periféricas das composições centrais dos suportes com Arte Atlântica, possam ser representações de rodas de carros. Neste caso o Penedo da Moura, em Viana do Castelo, o Complexo II do Crastoeiro, Mondim de Basto, já em Trás-os-Montes ocidental e a Rocha 4 da Bouça da Cova da Moura, na Maia, no Douro Litoral, com este tipo de iconografia,



Vista geral do Lugar de Fornelos, Viana do Castelo (fotografia da autora).

podiam ter-se mantido simbolicamente activos, ao longo da Idade do Bronze. De referir que, nas imediações da Bouça da Cova da Moura, a existência de ritos durante este período, materializa-se por cerâmicas, restos de actividade metalúrgica e estruturas.

Resta-nos analisar os lugares naturais de altitude, com grande visibilidade para os vales e extremamente perceptíveis desde muito longe que, a partir do Bronze Final, foram monumentalizados com arquitecturas de grande envergadura e de grande investimento colectivo. Referimo-nos a S. Julião, em Vila Verde, com uma primeira ocupação, sem estruturas monumentais, no séc. XI a.C. e outra a partir da segunda metade do séc. IX até aos sécs. VIII/VI a.C.. Aqui construíram-se dois grandes muros, na segunda metade do séc. IX a.C.. O mais interior e que rodeava a plataforma superior, com entrada voltada a nascente, era delimitado por um fosso parcial onde se depositaram dois punhais de tipo Porto de Mós. No interior deste recinto existiam sobreposições de diversas cabanas de contorno circular ou oval, com

dimensões entre os c. de 5.50m e os c. de 3.50m de diâmetro, algumas fossas abertas no subsolo, assim como inúmeros fragmentos de recipientes cerâmicos (com grande frequência de "louça fina"), de artefactos líticos, metálicos (machado, ponta de lança, bracelete, resto de caldeiro, etc.), de vidro (contas de colar) e de azeviche (braceletes). O segundo muro, que delimitava a plataforma Noroeste, com abertura voltada a Norte, inscrevia algumas lareiras, escassos pavimentos e estruturas circulares de difícil classificação. Extra muralhas foi detectada uma fossa, tapada com pedras e contendo um vaso interpretado como urna funerária, assim como um afloramento com covinhas e sulcos.



Pormenor do "muro/muralha" da plataforma superior de S. Julião (fotografia da autora).

Perante a excepcionalidade deste local em termos da sua impressividade no contexto do Bronze Final do Minho e do Noroeste português, da monumentalidade das arquitecturas aí construídas, da percentagem de cerâmicas finas, como taças carenadas e urnas, da presença de um vaso trigeminado (sempre raros mas de ampla circulação peninsular), do número de peças metálicas e de *itens* exóticos manuseados, a sua interpretação como simples povoado parece-nos redutora. Cremos, pois, que este local, seguramente com multiplicidade de facetas, se poderá



Fundo de cabana de S. Julião (fotografia da autora).



Cerâmicas finas de S. Julião (Museu D. Diogo de Sousa, Braga).

interpretar como um lugar comemorativo de grande significação social e ideológica, onde se teriam fomentado acções integrativas de manutenção da identidade grupal, provavelmente por parte de grupos de poder emergentes que necessitam de negociar e consolidar o seu poder. Essas acções integrativas tanto poderiam materializar-se no acto de edificar as construções monumentais, como no depósito de punhais no interior do fosso. ou nos actos que implicassem a utilização de caldeiros ou de outros *itens* de excepção. Assim sendo, S. Julião, a Sr.ª da Guia, em Baiões e, eventualmente, o Alto da Pena, em Ponte de Lima/Paredes de Coura, em área destacada do vale do Lima e onde foi possível detectar um muro de altura significativa adossado aos afloramentos que naturalmente delimitam a plataforma superior, poderiam ter funcionado como verdadeiros lugares que celebram e simbolizam fenómenos de territorialização, de poder e de identidade, em alguns locais do Noroeste. A perdurabilidade de alguns destes recintos monumentalizados, como é o caso de S. Julião, que transita para a Idade do Ferro, poderá demonstrar o sucesso destes fenómenos, a nível regional, e a manutenção destes lugares como simbolicamente activos na longa duração.

NOTAS

2 Referimo-nos, nomeadamente, aos projectos: "*O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*", da responsabilidade de Manuela Martins; "*As comunidades do Bronze Final na bacia do médio Cávado: regularidades e especificidades*", "*A reconstituição da paisagem no Entre-Douro-e-Minho desde os meados do III aos finais do II milénios AC*" e o "*O corpo na paisagem: ritos e crenças na Idade do Bronze do Noroeste Peninsular*", coordenados pela signatária destes texto. Há, ainda a destacar o projecto intitulado "*A Idade do Bronze no vale do Ave*", da responsabilidade de Hugo Aluai Sampaio, doutorando da Universidade do Minho e orientado pela autora.

3 Escavado no quadro de um projecto dirigido pela signatária.

4 Na vizinha Galiza, na província de Pontevedra.

5 No contexto das obras do Monumento ao Pio IX e do Santuário a Nossa Senhora da Penha.

6 Pelo menos no início das vertentes nordeste, este e sudeste, dado que as restantes se encontravam já destruídas.

7 Partimos do pressuposto que as comunidades estão imersas num território que "usam", não apenas de forma pragmática e funcional, mas de forma simultaneamente funcional e simbólica.

8 Informação pessoal dos directores das escavações aí ocorridas em 2007, a quem agradecemos.

9 Pereira 1903: 132–136.

10 Moreira (1999:21).

BIBLIOGRAFIA

AIRA RODRIGUEZ, M. J. & RAMIL-REGO, Pablo (1995) – "Datos paleobotanicos del Norte de Portugal (Baixo Minho). Estudio polínico y paleocarpológico", *Lagascalia*, n.º 18 (1), pp. 25–38.

ALMEIDA, Carlos A. B. (1979b) - *O menhir de S. Paio de Antas - Esposende*, Esposende.

ALMEIDA, CARLOS A. B., MAIA, M. I. S., MOREIRA, M. M. L. & BAPTISTA, A. J. (1994) - A estação do Bronze Final da Regueira. Vitorino de Piães - Ponte de Lima, *Revista da Faculdade de Letras. História*, 2.ª série, n.º 11, pp. 547-565.

ALMEIDA, Carlos A. F.; T. Soeiro; C. A. B. Almeida & A. Baptista (1981) – "Escavações Arqueológicas em Santo Estevão da Facha", *Arquivo de Ponte de Lima*, n.º 3, Ponte de Lima.

ALVES, Lara B. (no prelo) - "O sentido dos signos - reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no Norte de Portugal", in R. de Balbín Behrmann (ed.), *Arte Prehistórico al aire libre en el sur de Europa*, Junta de Castilla y Leon.

BAPTISTA, António M. (1981a) - "A arte do Gião", *Arqueologia*, n.º 3, Porto, pp. 56–66.

- (1981b) – "O complexo rupestre da Bouça do Colado (Parada – Lindoso)", *Giesta*, n.º 4, pp. 6–16.

- (1983/1984) – "Arte rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva", *Portugália*, nova série, nºs. 4/5, Porto, pp. 71–82.

- (1985) – "A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal)", *Arqueólogo Português*, sér. IV, n.º 3, Lisboa, pp. 7–44.

- (1987) – "Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção", *História da Arte em Portugal*, vol. 1, Ed. Alfa, pp. 31–55.

- (1995) – "O santuário rupestre da Bouça do Colado", *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Lisboa, Ed. S.E.C., pp. 97-98.

- (1997) – "Arte megalítica no planalto de Castro Laboreiro (Melgaço, Portugal e Ourense, Galiza)", *Actas do III Coloquio Internacional de Arte Megalítico, Brigantium*, 10, Ed. Museu Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Antón, Corunha, pp. 191–216.

BAPTISTA, José M. (1992) - *As indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto. Contexto cronoestratigráfico e paleoambiental*, Cadernos de Arqueologia – Monografias - 7, Braga, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S. (1988) – "Novos achados metálicos do Bronze Final na bacia do médio Cávado", *Cadernos de Arqueologia*, n.º 5, Braga, pp. 9-22.

- (1988) – "O molde de foice de talão do Castro de Álvora", *Cadernos de Arqueologia*, n.º 5, Braga, pp. 155-161.

- (1991/1992) – "A mamoa n.º 10 do Chão da Cheira (Maciço do Borrelho - Vila Verde)", *Cadernos de Arqueologia*, nºs. 8/9, Braga, pp. 43-65.

- (1991/1992) – "Achado de um vaso campaniforme na serra do Maroiço-Fafe", *Cadernos de Arqueologia*, nºs. 8/9, Braga, pp. 233-236.

- (1995) – "Dos inícios aos finais da Idade do Bronze no Norte de Portugal", *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. S.E.C., Lisboa, pp. 110-115.

- (1997) – "Expressões funerárias da Idade do Bronze no Noroeste Peninsular", *Actas do II Congreso de Arqueología Peninsular*, Zamora, Ed. Fundación Rei Afonso Henriques, pp. 621–632.

- (1999) - *A Paisagem e o Homem na bacia do Cávado durante o II e o I milénio AC*, 5 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho – policopiada).

- (2000) – "O vale do Cávado (Norte de Portugal) dos finais do III milénio aos meados do I milénio AC: sequências cronológico-culturais", *Pré-História Recente da Península Ibérica, Actas do III° Congresso Peninsular de Arqueologia*, Porto, Ed. ADECAP, pp. 79–93.

- (2000) - *O povoado da Idade do Bronze da Sola, Braga, Norte de Portugal*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 9, Braga, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

- (2000) - *O povoado de S. Julião, Vila Verde, Norte de Portugal, na Idade do Bronze e na Transição para a Idade do Ferro*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 10, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.

- (2000) - *Estações da Idade do Bronze e Inícios da Idade do Ferro da bacia do Cávado (Norte de Portugal)*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 11, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.

- (2001) - *O povoado da Santinha, Amares, Norte de Portugal, nos finais da Idade do Bronze*, Cadernos de Arqueologia, Monografias – 12, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Braga.

- (2001) – "Aspectos da metalurgia do bronze no Entre-Douro-e-Minho, no quadro da Proto-História do Noroeste Peninsular", *Arqueologia*, n.º 26, Porto, pp. 13–40.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2003) – "Plant and animal husbandry in the second millennium BC in Northern Portugal", *Journal of Iberian Archaeology*, n.º 5, Porto, pp. 199–202.

- (2005) – "The early farmers and shepherds of North-west Portugal: the Neolithic and the Calcolithic/Os primeiros agricultores e pastores do Noroeste de Portugal: o Neolítico e o Calcolítico", in Isabel Silva & C. Mineiro (coord.) *D. Diogo de Sousa. Regional Museum of Archaeology. Guide/ Diogo de Sousa. Museu Regional de Arqueologia. Roteiro*, Ed. Instituto Português dos Museus, Lisboa, pp. 28-35.

- (2005) - The Bronze Age in North-west Portugal/A Idade do Bronze no Noroeste de Portugal, in Isabel Silva & C. Mineiro (coord.) *D. Diogo de Sousa. Regional Museum of Archaeology. Guide/ D. Diogo de Sousa. Museu Regional de Arqueologia. Roteiro* Ed. Instituto Português dos Museus, Lisboa, pp. 36–41.

- (2005) – "Gravados rupestres ao aire libre do denominado 'Grupo Galaico' ou do 'Grupo I do Noroeste' (Norte de Portugal)", in J. M. Hidalgo Cuñarro (coord.) *Arte* e *Cultura de Galicia e Norte de Portugal. Arqueoloxía*, vol. 1, Nova Galicia Edicións, S.L., Vigo, pp. 161–165.

- (2008) – "Life and death in the Bronze Age of the NW Iberian Peninsula" in Fredrik Fahlander & Terje Oestigaard (eds.) *The materiality of death – bodies, burials and beliefs*, BAR International 1768, Ed. Archeopress, Oxford.

- (no prelo) – "Funeral structures, burial and corpses as mechanisms of identity and memory in the Bronze Age at Northwest of Iberian Peninsula" in Ana M. S. Bettencourt, M. Jesus Sanches, Lara B. Alves & Rámon Fábregas Valcarce (eds.) *Spaces and Places for Agency, Memory and Identity in Prehistoric and Protohistoric , Proceedings of the 15th Crongress of the International Union for Prehistoric and Protohistoric Sciences*, Lisbon, September 2006.

- (no prelo) – "Estruturas e práticas funerárias do Bronze Inicial e Médio do Noroeste Peninsular" in J. Sanchez Palencia, A. Gilman & P. Bueno (eds.) *Livro de Homenaje a Maria Dolores Fernandez Posse, Bibliotheca Praehistorica Hispana* (BPH), Ed. CSIC, Madrid.

- (no prelo) – "Entre os montes e as águas: a percepção dos limites na Pré-História da faixa costeira entre o Minho e o Cávado", in *Os Espaços Naturais e a Arqueologia em Portugal, Actas do IV Congresso Nacional de Geomorfologia, Braga, 16 a 18 de Outubro de 2008*, Ed. Associação Portuguesa de Geomorfologia, Centro de Investigação Interdisciplinar de Cultura, Espaço e Memória e Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S., DINIS, António, CRUZ, Carlos S. & SILVA, Isabel Sousa e (2003) – "O povoamento Calcolítico do alvéolo de Vila Chã, Esposende (Norte de Portugal). Notas a propósito das escavações arqueológicas de Bitarados", *Portugália*, n.º 24, n. série, Porto, pp. 25-44.

BETTENCOURT, Ana M. S., DINIS, António, FIGUEIRAL, Isabel, RODRIGUES, Alda, CRUZ, Carlos S., SILVA, Isabel Sousa e, AZEVEDO, Marta & BARBOSA, Rui (2007) – "A ocupação do território e a exploração de recursos durante a Pré-História Recente do Noroeste de Portugal", in Susana O. Jorge, Ana. M. S. Bettencourt & Isabel Figueiral (eds.) *A concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica. Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular*, Centro de Estudos de Património, Departamento de História, Arqueologia e Património, Fac. de Ciências Humanas e Sociais, Universidade do Algarve, pp. 149-164.

BETTENCOURT, Ana M. S. & CARDOSO, João Muralha (no prelo) - "The bell beaker of the North of Portugal: context and problematics/O campaniforme no Norte de Portugal: contextos e problemáticas", in *Bell-Beakers. Symbols of a 5000 year-old. Cultural Community in Europe/Vasos Campaniformes. Símbolos de uma Comunidade Cultural Europeia à 5000 anos*, Ed. Institutum Archaeologicum Germanicum e Câmara Municipal de Torres Vedras – Museu Municipal Leonel Trindade.

BETTENCOURT, Ana M. S., ALVES, Lara B., RIBEIRO, André T. & MENEZES, Rui T. (no prelo) – "O lugar da Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia), no contexto da Pré-História Recente da bacia do Leça", *Actas das Iª Jornadas Arqueológicas da Bacia do Rio Leça*, Câmara Municipal de Matosinhos.

BRADLEY, Richard (1990) - *The Passage of Arms: an archaeological analysis of prehistoric hoards and votive deposits*, Cambridge,

Ed. Cambridge University Press.

- (1997) - *Rock art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*, London/New York, Ed. Routledge.

- (2000) – "Acess, style and imagery: the audience for prehistoric rock art in Atlantic Spain and Portugal, 4000-2000 BC", *Oxford Journal of Archaeology*, n.º 21 (3), Oxford, pp. 231–247.

- (2000) – *An Archaeology of Natural Places*, Londres, Ed. Routledge.

CARDOSO, João L. & BETTENCOURT, Ana M. S. (2008) – "Caça e pastorícia no Calcolítico do Noroeste de Portugal: estudo dos restos ósseos da estação arqueológica de Bitarados", *Estudos do Quaternário*, APEQ, n.º 5, Braga.

CARDOSO, Mário (1968) - "Novo achado da Idade do Bronze na estação arqueológica da Penha (Guimarães)", *Revista de Guimarães*, n.º 78 (3-4), Guimarães, pp. 274–283.

COMENDADOR REY, Beatriz (1998) - *Los inicios de la metalurgia en el Noroeste de la Península Ibérica*, Brigantium - 11, Ed. Museu Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Antón, A Coruña.

COMENDADOR REY, Beatriz & Ana M. S. BETTENCOURT - (2008) – "Nuevos datos sobre la primera metalurgia del bronce en el noroeste peninsular: la contribución de Bouça da Cova da Moura (Ardegães, Maia)", *Actas das Iª Jornadas Arqueológicas da Bacia do Rio Leça*, Câmara Municipal de Matosinhos.

CONNERTON, Paul (1989=1993) - *Como as sociedades recordam*, Oeiras, Ed. Celta.

COSTA, M. A. (1930) – "Relatório da secção de arqueologia pré-histórica 1929-1930", *Arqueologia e História*, n.º 9, Lisboa, pp. 142–145.

COSTAS GOBERNA, Fernando J., HIDALGO CUÑARRO, José M. & PEÑA SANTOS, António de la - (1999) - *Arte Rupestre no Sur da Ría de Vigo*. Vigo, Spain, Ed. Instituto de Estudios Vigueses.

CUNHA, Ana L. & SILVA, Eduardo J. (1980) - "Gravuras rupestres do concelho de Valença (Monte de Fortes (Taião), Tapada de Ozão e Monte da Laje)", *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, vol. 2, pp. 121–131.

CRUZ, Domingos J., GOMES, Luís F. G. & CARVALHO, Pedro M. S. (1998) – "O grupo de *tumuli* 'da Casinha Derribada'" (Concelho de Viseu). *Conímbriga*, n.º 37, pp. 5-76.

CRUZ, Domingos J. & VILAÇA, Raquel (1999) – "O grupo de *tumuli* da 'Senhora da Ouvida' " (Castro Daire, Viseu), Est*udos Pré-Históricos*, n.º 7, pp. 129–161.

CRUZ, Domingos & GONÇALVES, António H. B. (1998/1999) – "A necrópole de 'Agra de Antas' " (S. Paio de Antas, Esposende, *Braga), Portugália*, nºs. 19/20, Porto, pp. 5–27.

DESCAMPS, P. (1935) - *Le Portugal. La vie sociale actuelle*, Paris, Ed. Firmin-Didot.

DINIS, António & BETTENCOURT, Ana M. S. (2008) – "A Arte Atlântica do Crastoeiro (noroeste de Portugal): contextos e significados", *Gallaecia*, n.º 27, Santiago de Compostela.

FÁBREGAS VALCARCE, Ramón (2001) - *Los petroglifos y su contexto: un ejemplo de la Galicia meridional*. Ed. Instituto de Estúdios Vigueses, Vigo.

FIGUEIRAL, Isabel & BETTENCOURT, Ana M. S (2004) – "Middle/Late Bronze Age plant communities, and their exploitation, in the Cávado Bassin (NW Portugal) as shown by charcoal analysis: the significance and co-occurrence of Quercus (deciduous)–Fabaceae" in *Vegetation History and Archaeobotanic*, n.º 13, Berlim, pp. 219–232.

FORTES, J. (1906) - A sepultura da Quinta da Água Branca (Edade do Cobre) - *Portugália*, n.º 2, pp. 241-252.

- (1908) - Duas jóias archaicas, *Portugália*, n.º 2, pp. 412-416.

Gianotti Garcia, C. & Cancela Cereijo, C. (2005) – "Testemuña da ocupación humana durante o Neolítico Final e o período Alto-Medieval na Península do Morrazo" in F. Criado Boado & E. Cabrejas Domíngez (coord.) *Obras Públicas e Património:Estudo Arqueolóxico do corredor do Morrazo. Tapa*, n.º 35, Santiago de Compostela, pp. 50–54.

GOMES, Mário V. (2002) – "Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século", *Arqueologia e História*, n.º 54, pp. 139–194.

INGOLD, Tim (2000) - *The perception of the environment. Essays in Livelihood, Dwelling and Skill*, Londres/Nova Iorque, Ed. Routledge.

JORGE, Susana O. (1980) – "A necrópole do Tapado da Caldeira-Baião", *Arqueologia*, n.º 2, pp. 36-44.

- (1980) - "A estação arqueológica do Tapado da Caldeira, Baião", *Portugália*, n.º 1, pp. 29–50.

- (1983) – "Duas datas de C14 para a sepultura 1 da estação do Tapado da Caldeira (Baião), *Arqueologia*, n.º 8, pp. 55–56.

- (1988) - *O Povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal*, Porto, Ed. GEAP, Porto.

- (1990) – "Das Origens à Romanização" in J. Alarcão (coord.) *Nova História de Portugal*, vol. 1, Ed. Presença, Lisboa, pp. 75–251.

- (1996) – "Regional diversity in the Iberian bronze age - on the visibility and opacity of the archaeological record", *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, n.º 36, Porto, pp. 193–214.

- (1997) – "O Bronze Final no Norte de Portugal: uma História em Portugal", *O 1.º Milénio a.C. no Noroeste Peninsular. A Fachada Atlântica e o Interior*, Ed. Parque Natural de Montezinho, Bragança, pp. 13–22.

- (1999) – "Cabeço da Mina (Vila Flor, Portugal): a late prehistoric sanctuary with 'stelai' of the Iberian Península", in *Gods and Heroes of the Bronze Age: Europe at the time of Ulysses*, London, Ed. Thames and Hudson, pp. 137–141.

- (1999) - *Domesticar a Terra. As Primeiras Comunidades Agrárias em Território Português*, Lisboa, Ed. Gradiva.

- (2005) - *O Passado é Redondo*, Porto, Ed. Afrontamento.

JORGE, Vítor O. (1982) - *Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto. Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, 2 vols (Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade do Porto – Policopiada).

- (1997) – "Questões de interpretação de arte megalítica" in *Actas do III Coloquio Internacional de Arte Megalítico, Brigantium*, 10, Ed. Museu Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Antón, Corunha, pp. 47–65.

- (2000) – "Alguns problemas em foco, após duas décadas de estudo do megalitismo português" in *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 357–374.

- (2003) - *Olhar o mundo como arqueólogo*, Coimbra, Ed. Quarteto.

JORGE, Vítor O., BAPTISTA, António M. , SILVA, Eduardo J. L. & JORGE, Susana O. (1997) - *As mamoas do Alto da Portela do Pau. Castro Laboreiro. Melgaço*, Porto, Ed. SPAE.

JORGE, Vítor O. & Susana O. JORGE (1993) – « Statues-menhirs et steles du Nord du Portugal » in *Les representations humaines du Néolithique à l'Âge du Fer*, E. du C.T.H.S., Paris, pp. 29–43.

- (2000) – "A 'monumentalização' das paisagens durante a Pré-História: alguns contributos para um debate" in *(Era) Arqueologia*, n.º 1, pp. 100-111.

KALB, Philine (1995) – "O povoado de Nossa Senhora da Guia, Baiões" in Isabel Silva (coord.), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. SEC/IPM/MNA, Lisboa, pp. 68–69.

LOUREIRO, Luís F. (2006) – "O santuário rupestre do Penedo da Moura (Nogueira, Viana do Castelo)", *Al-Madan*, n.º 14, Adenda Electrónica, IV.

MACIEL, Tarcísio (2003) - *O povoamento proto-histórico do vale do Neiva*, Ed. Rio Neiva. Associação de Defesa do Ambiente, Esposende.

MARTINS, Manuela M. (1990) - *O povoamento proto-histórico e a romanização da bacia do curso médio do Cávado*, Cadernos de Arqueologia, Monografias - 5, Braga, Ed. da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

- (1996) – "Povoamento e habitat no Noroeste português durante o 1.º milénio a.C.", *De Ulisses a Viriato. O Primeiro Milénio a.C.*, Ed. Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, pp. 118–133.

MARTINS, Manuela M (1997) - The dynamics of change in NO Portugal during the I millenium B.C., M. Diaz-Andreu & S. Keay (dir.) *The Arcaeology of Iberia. The Dynamics of Change*, Ed. Routledge, Londres. pp. 143–153.

MONTEAGUDO, Luís (1977). *Die beile auf der Iberischen Halbinsel*, Prahistorische Bronzefunde - 9 (6), Munique.

MOREIRA, Manuel A. F. (1999). *As raízes históricas da Diocese de Viana do Castelo*, Viana do Castelo.

PEREIRA, Félix A. (1903) - Novas mamoas da serra do Soajo, *O Archeologo Português*, n.º 8, Lisboa, pp. 72–75.

- (1903a) – "Machados de duplo anel", *O Arqueólogo Português*, 8, Lisboa, pp. 132–136.

QUEIROGA, Francisco (1984) - "Escavações arqueológicas em Castelo de Matos-notícia preliminar", *Arqueologia*, n.º 9, Porto, pp. 105–116.

SAMPAIO, Hugo A., BETTENCOURT, Ana M. S., BARBOSA, Rui.; DINIS, António & CRUZ, Carlos (2008) – "A importância

do povoado do Pego no Bronze Final do Noroeste de Portugal" in E. Ramil Rego (ed.) *Actas do 1 Congreso Internacional de Arqueoloxía de Vilalba. Férvedes*, n.º 5, Museo de Prehistoria e Arqueoloxía de Vilalba.

SAMPAIO, Hugo A., BETTENCOURT, Ana M. S & ALVES, Maria Isabel C. A. (no prelo) – "O Monte da Penha, Guimarães, Norte de Portugal como lugar de referência na paisagem da bacia do Ave" in *Os Espaços Naturais e a Arqueologia em Portugal, Actas do IV Congresso Nacional de Geomorfologia, Braga, 16 a 18 de Outubro de 2008*, Ed. Associação Portuguesa de Geomorfologia, Centro de Investigação Interdisciplinar de Cultura, Espaço e Memória e Universidade do Minho.

SANCHES, Maria de Jesus (1995) - "O povoado da Lavra, serra da Aboboreira" in Isabel Silva (coord.) *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de Poder*, Ed. SEC/IPM/MNA, Lisboa, p. 116.

- (2000) – "Reflexões sobre o povoamento do Neolítico Inicial do Norte de Portugal (VI°-IV° mil. A.C.)", *Actas do 3.º Congresso de Arqueologia Peninsular*, vol. 3, ADECAP, pp. 181–201.

- (2000/2001) – "O Crasto de Palheiros (Murça): do Calcolítico à Idade do Ferro", *Portugália*, nova série, n°s. 21–22, Porto, pp. 5–40.

- (2003) – "Sobre a ocupação do Neolítico inicial do Norte de Portugal" in Victor dos S. Gonçalves (ed.) *Muita Gente, Poucas Antas? Origens, Espaços e Contextos do Megalitismo* (Actas do II° Colóquio Internacional sobre Megalitismo), *Trabalhos de Arqueologia*, 25, IPA, pp. 155–179.

- (2006) – "Sociedades em Mudança. Dos Caçadores-recolectores aos mais antigos agricultores [do Mesolítico ao Neolítico Inicial]", in C. A. B. Almeida (coord.) *História do Douro e do Vinho do Porto. História Antiga da Região Duriense*, vol. 1, Ed. Afrontamento, pp. 79–105.

SANCHES, Maria de Jesus & PINTO, Dulcineia B. (2005) – "O Crasto de Palheiros (Norte de Portugal). Notas sobre um povoado proto-histórico em Trás-os-Montes", *Actas do Colóquio "Castro - um lugar para habitar", Penafiel, 5-6 de Nov. 2004. Cadernos do Museu*, n.º 11, Penafiel, pp. 55–74.

SILVA, Armando C., LOPES, A. B., MACIEL, T. P. (1981) - "A necrópole do bronze inicial da Chã de Arefe (Durrães, Barcelos)", *Arquivo do Alto Minho*, n.º 26, Viana do Castelo, pp. 49–61.

- (1993) - «Representations humaines sur deux monuments mégalithiques de la région nord du Portugal», *Representations humaines du Neolithique à L'Age du Fer*, Ed. Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, Paris, pp. 21–28.

- (1994) – "Megalitismo do Norte de Portugal: o litoral minhoto", *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal*, Mangualde, pp. 157–169.

- (1997) – "Arte megalítica da costa norte de Portugal", *Actas do III Coloquio Internacional de Arte Megalítico, Brigantium*, n.º 10, Ed. Museu Arqueolóxico e Histórico Castelo de San Antón, Corunha, pp. 179–189.

SILVA, Eduardo J.& J. A. Marques (1984) – "Escavação de uma cista em Lordelo (Anha-Viana do Castelo)", *Revista de História*, n.º 1, Universidade Portucalense, pp. 51–72.

- (1986) – "Escavação da mamoa de Chafé – Viana do Castelo (notícia preliminar)", *Arqueologia*, n.º 13, Porto, pp. 207–208.

SILVA, Eduardo J. & A M. L. Cunha (1986) – "As gravuras rupestres do Monte da Laje (Valença)", *Arqueologia*, n.º 13, Porto, pp. 143–158.

SILVA, Eduardo J., SILVA, E. M. & RIBEIRO, J. D. (1989) – "O menir do Marco da Anta (Ponte da Barca)", *Arqueologia*, n.º 19, Porto, pp. 63–71.

SOARES, Nuno (2000) – "O núcleo megalítico do Mezio (Arcos de Valdevez)", *Neolitização e Megalitismo da Península Ibérica*, Porto, ADECAP, pp. 369–374.

SOEIRO, Teresa (1982) – "O esconderijo de Sequeada (Barcelos)", *Arqueologia*, n.º 5, Porto, pp. 62–67.

SOEIRO, Teresa (1988) – "A propósito de quatro necrópoles proto-históricas do concelho de Esposende", *Actas do Colóquio Manuel de Boaventura 1985*, vol. 2, Esposende, pp. 35–61.

SOUSA, A. (1981/1982) – "A cerâmica da Gandra-Esposende", *Portugália*, nova série, n°s. 2–3, Porto, pp. 41–59.

SOUSA, Orlando (1996) - *Estatuária antropomórfica pré e proto-histórica do Norte de Portugal*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto, Porto - Policopiada).

SOUSA, José R. (1968/1970) – "A estação arqueológica da Falperra. Notas para a sua história", *Arquivo de Beja*, nºs 25-27, Beja, pp. 57-64.

– (1978) – "Megalitismo nos arredores de Braga - necrópoles do Monte de Crasto", *Bracara Augusta*, n.º 32 (85-86), Braga, pp. 329-336.

STOCKLER, Carla (2000) – "Reflexões sobre a ocupação humana no Douro Litoral. Do Neolítico ao Bronze Inicial", *Almadan*, n.º 9, Almada, pp. 79–93.

VALERA, António C. (2008) – "A Mamoa 2 do Leandro (Maia, Porto): Intervenções de Minimização no Âmbito do Alargamento da A3", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, n.º 3 (Revista Electrónica Quadrimestral), Ed. Núcleo de Investigação Artqueológica: Era - Arqueologia S.A., Lisboa, pp. 7–18.

VIEIRA, J. A. (1880) - *Minho Pittoresco*, Lisboa, 2 vols.

VILAÇA, Raquel & Domingos J. Cruz (1999) – "Práticas funerárias e cultuais dos finais da Idade do Bronze na Beira Alta", *Arqueologia*, n.º 24, pp. 73–99.